

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

MARIANA WEBER DIAS

AS MULHERES DÃO CONTA DO RECALDO:  
empoderamento das mulheres através da construção civil

Porto Alegre  
2019

MARIANA WEBER DIAS

AS MULHERES DÃO CONTA DO RECADOS:  
empoderamento das mulheres através da construção civil

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestra em Sociologia pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Marx

Porto Alegre

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**REITOR**

**Rui Vicente Oppermann**

**VICE-REITORA**

**Jane Tutikian**

**DIRETORA DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**Claudia Wasserman**

**VICE-DIRETOR DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS Hélio**

**Ricardo do Couto e Silva**

**CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES**

**Nestor Artur Sanders**

**CIP - Catalogação na Publicação**

Dias, Mariana Weber  
AS MULHERES DÃO CONTA DO RECADO: empoderamento das  
mulheres através da construção civil / Mariana Weber  
Dias. -- 2019.  
88 f.  
Orientadora: Vanessa Marx.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Movimentos feministas. 2. Empoderamento. 3.  
Mulheres. 4. Construção Civil. I. Marx, Vanessa,  
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Mariana Weber Dias

AS MULHERES DÃO CONTA DO RECADOS:

empoderamento das mulheres através da construção civil

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestra em Sociologia pela  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 25 de março de 2019

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Vanessa Marx (orientadora)  
Programa de Pós-graduação em Sociologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Luciana Garcia de Mello  
Programa de Pós-graduação em Sociologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Jussara Reis Prá  
Programa de Pós-graduação em Política  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Paula Sandrine Machado  
Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Professora Colaboradora no Programa de Pós-graduação em Antropologia  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer aqueles que me apoiaram e me ajudaram nessa longa jornada, todos foram fundamentais para que eu conseguisse chegar ao fim desse ciclo. Agradeço aos meus pais Júlio e Marcia, que sempre me apoiaram em todas as decisões, também ao meu irmão e grande amigo Lucas. Agradeço a minha segunda família, que mais do que nunca, me acolheu, meus sogros, Rô e Pastorini. Agradeço aquele por quem cometi a loucura de casar em meio ao mestrado, Guilherme, meu grande companheiro e amor.

Às minhas amigas, que vieram do cursinho pré-vestibular pra vida, que mais do que nunca, se fizeram presentes esse ano, Ju, Lô, Carol e Naty. Às minhas amigas de roda de terapia Ana Danielle e Andressa, com quem dividi as incertezas do mestrado. Aos amigos de longa data Bianca e Dani, com quem dividi os longos anos de graduação.

À minha orientadora de longa jornada, Profa Dra. Vanessa Marx, que sempre acreditou no meu potencial.

Por fim, ao acolhimento que tive das minhas entrevistadas, a paciência com as perguntas, minhas dúvidas e minha intromissão em seus locais.

## Resumo

O presente estudo tem como foco a mulher de baixa renda no mercado da Construção civil. O tema permeia entre os movimentos feministas, a mulher no âmbito privado e público, a noção de empoderamento feminino e a busca das mulheres por qualificação profissional na área de construção civil. O objetivo desse estudo é investigar como a atuação da empresa Diosa e da ONG Mulher em Construção, localizadas em Porto Alegre/RS, focadas na qualificação profissional de mulheres na construção civil no Brasil, repercute no auxílio para o empoderamento no âmbito público das mulheres de baixa renda. Para isso foi realizada uma entrevista exploratória, no Rio de Janeiro/RJ, com ex-aluna do Coletivo Mão na Massa, pioneiro do seguimento no Brasil, assim como, entrevistas com mulheres atuantes na empresa Diosa e na ONG Mulher em Construção. A hipótese levantada foi de que os movimentos feministas, aqui estudados através das ações da empresa Diosa e a ONG Mulher em Construção, buscam auxiliar as mulheres de baixa renda no alcance do empoderamento feminino no âmbito público, através da qualificação profissional e da inserção no mercado de trabalho. Também se esperava que após o ingresso das mulheres de baixa renda nos meios feministas, a realidade social em que vivem fosse modificada, havendo uma melhora no seu empoderamento no âmbito público, não sendo necessariamente adquirido através do seu trabalho, mas pelo contato com o grupo, com as discussões acerca do feminismo. Como resultado obtivemos que as mulheres estudadas, tiveram sua realidade social modificada e que houve uma melhora no seu empoderamento no âmbito público, não sendo necessariamente adquirido através do seu trabalho, mas pelo contato com o grupo, com as discussões acerca do feminismo.

**Palavras-chaves:** Movimentos feministas – Empoderamento – Mulheres – Construção civil

## **Abstract**

This study focuses on the woman with low income in the context of the market of civil construction. This theme permeates the feminist movements, the woman in the private and public ambit, the notion of female empowerment and the pursuit of the woman to a professional qualification in civil construction. The objective of this study is to investigate how the actions of the feminist company Diosa and the feminist non governmental organization (NGO) Mulher em Construção, both located in the city of Porto Alegre/RS, focused on the professional qualification of women in construction in Brazil, influence the development of the autonomy in the public ambit of women with low income. For this purpose, an exploratory interview was conducted at Rio de Janeiro/RJ with a former student of the group Coletivo Mão na Massa, as well as interviews with participant women in the company Diosa and in the NGO Mulher em Construção. It was hypothesized that feminists movements, represented by the feminist company Diosa and the feminist NGO, seek to help women with low income to reach their autonomy in the public ambit, by means of professional qualification and insertion in the labor market. It was also hypothesized that women with low income would have their social reality modified, influencing positively their autonomy in the public ambit, not necessarily due to their entrance in the labor market, but due to the contact with the group and the discussions about feminism. We identified that woman have their social reality modified and that there is an improvement in their autonomy in the public ambit, mainly due to their contact with the group and their discussions about feminism and not necessarily acquired through their work.

**Keywords:** Feminist movements – Empowerment – Women – Civil construction

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquemática do processo de empoderamento STROMQUIST (1997) .....	36
Figura 2: Logo do Projeto Mão na Massa (Rio de Janeiro).....	39
Figura 3: Localização Projeto Mão na Massa .....	40
Figura 4: Logo da Empresa Diosa (Porto Alegre).....	41
Figura 5: Como funciona, site Diosa .....	42
Figura 6: Categorias do site da Diosa.....	42
Figura 7: Logo da ONG Mulher em Construção (Porto Alegre).....	43
Figura 8: Entrada Assentamento 20 de Novembro.....	60
Figura 9: Localização Assentamento 20 de Novembro.....	60
Figura 10: Fachada atual do Assentamento 20 de Novembro .....	61
Figura 11: Projeto para o Assentamento 20 de Novembro.....	62
Figura 12: Local para a simulação da montagem de canos de banheiro .....	64
Figura 13: Material disponibilizado sobre MEI .....	67
Figura 14: Material SEBRAE MEI .....	68
Figura 15: Encanamento completo na simulação .....	69



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 2 – População economicamente ativa – IBGE, outubro de 2015. ....	71
---	----

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Perfil das Entrevistadas da ONG Mulher em Construção.....	70
---	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA E CONTEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>16</b>
2.1	METODOLOGIA TRABALHADA .....	16
2.2	INICIANDO O DEBATE: CONCEITUALIZANDO OS MOVIMENTOS FEMINISTAS .....	18
<b>3</b>	<b>A MULHER E A DESIGUALDADE DE GÊNERO.....</b>	<b>27</b>
3.1	DE DONA DE CASA A MESTRE DE OBRAS: UMA DISCUSSÃO ENTRE O ÂMBITO PRIVADO E O PÚBLICO .....	27
3.2	EMPODERAMENTO FEMININO .....	32
<b>4</b>	<b>MULHERES EMPODERADAS.....</b>	<b>39</b>
4.1	DESCRIÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO .....	39
4.2	PESQUISA EXPLORATÓRIA NO RIO DE JANEIRO: A TRANSFORMAÇÃO DE VIDA .....	45
4.2.1	O Projeto Mão na Massa .....	46
4.2.2	O concreto rosa.....	50
4.3	INSERÇÃO DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO CIVIL EM PORTO ALEGRE: EMPRESA DIOSA .....	52
4.4	AS MULHERES COM A MÃO NA MASSA: ONG MULHER EM CONSTRUÇÃO.....	56
4.5	CIMENTO E BATOM – CURSO DE HIDRÁULICA NO ASSENTAMENTO 20 DE NOVEMBRO .....	59
4.5.1	O local .....	60
4.5.2	O curso de hidráulica.....	62
4.5.3	Entrevistas .....	70
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>78</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>81</b>
	<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA – MULHERES NA CONSTRUÇÃO CIVIL.....</b>	<b>85</b>
	<b>APÊNDICE B - ROTEIRO ENTREVISTAS – PARTICIPANTES INTERNOS.....</b>	<b>87</b>
	<b>APÊNDICE C - TERMO DE COMPROMISSO .....</b>	<b>88</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os movimentos sociais trazem em suas trajetórias a luta por direito à igualdade, assim como o direito à diferença (DAGNINO, 1994), e são voltados para pautas relativas aos direitos individuais e coletivos. Estes buscam maior igualdade social e melhorias na vida das pessoas que pertencem à parcela da população que é socialmente excluída, e que não têm suas demandas atendidas pelas ações governamentais.

DAGNINO (1994) destacou a grande insatisfação da população em relação às diferentes desigualdades que afetam os brasileiros. Dos entrevistados, 60,8% indicavam que sua maior preocupação era o tratamento igualitário para brancos, negros, homens, mulheres, ricos e pobres. As pautas da desigualdade econômica, social e hierarquização nas relações sociais se refletem em seus dados. Hoje, diversos movimentos sociais buscam lutar pelas pautas apontadas por DAGNINO (1994). Um exemplo é o movimento social negro, que luta contra os problemas sociais entre brancos e negros, “em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural” (DOMINGUÊS, 2007, p. 1). Da mesma forma, os movimentos feministas lutam pelos direitos das mulheres, pelo fim da violência contra a mulher, pela igualdade salarial entre os gêneros, contra assédios e feminicídios, bem como, a favor da legalização do aborto, entre outras demandas.

Dentre as pautas investigadas acerca dos movimentos feministas, estudam-se questões de promoção da igualdade de gênero, violência contra mulher e discriminação contra as mulheres (CARNEIRO, 2003). Particularmente, uma discussão que está em visibilidade no Brasil diz respeito à mulher no mercado de trabalho, em especial às mulheres de baixa renda.<sup>1</sup> Estas, gradativamente, têm ocupado o mercado de trabalho de forma informal, um exemplo, são as mulheres que trabalham no serviço doméstico. Segundo pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) da Mulher no Mercado de Trabalho de 2010, 94,5% das mulheres estavam empregadas no serviço doméstico, sendo que 74% não tinham carteira assinada, caracterizando um percentual elevado de trabalhadoras informais. Além disso, de acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (2015), o número de mulheres, na

---

<sup>1</sup> Delimita-se de "baixa renda" a partir da UNDP (United Nations Development Programme) que considera pertencente a esse grupo quem vive com menos de US\$8 por dia.

construção civil, teve um aumento de 65% nos últimos dez anos, sendo que só no ano de 2010, mais de 200 mil mulheres estavam trabalhando com carteira assinada no Brasil, o que equivale a 8% dos profissionais da área. Por ser um ramo de trabalho que não exige um alto grau de escolaridade, este vem se mostrando uma saída para essas mulheres trabalharem de maneira formal.

Hoje, no Brasil, temos empresas e ONGs que buscam qualificar profissionalmente as mulheres para trabalharem no mercado da construção civil. O presente estudo visa investigar como as mulheres de baixa renda podem conseguir o empoderamento no âmbito público e de que maneira os movimentos feministas, aqui estudados através das ações da empresa Diosa e a ONG Mulher em Construção, localizadas em Porto Alegre/RS, contribuem para esse empoderamento através da qualificação profissional voltada para construção civil e na inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. O objetivo da pesquisa é investigar como a empresa Diosa e a ONG Mulher em Construção, localizadas em Porto Alegre/RS, que atuam no setor da qualificação profissional para área da construção civil, repercutem no auxílio do empoderamento no âmbito público das mulheres de baixa renda. Os objetivos específicos: 1. Verificar de que maneira a Diosa e a Mulher em Construção estão voltadas para pautas dos movimentos feministas; 2. Entender como os processos se dão dentro desses lugares, locais de atuação, divulgação, etc.; 3. Mapear o perfil das mulheres que estão realizando os cursos, e investigar como se dá a participação das egressas dos cursos e das que estão realizando os cursos, buscando entender o que mudou na vida dessas mulheres investigadas, em aspectos como noção de autonomia financeira, empoderamento feminino, qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho.

A hipótese investigada seria de que os movimentos feministas, estudados através das ações dos objetos de estudo, a empresa Diosa e a ONG Mulher em Construção, buscam auxiliar as mulheres de baixa renda no alcance do empoderamento no âmbito público, através da qualificação profissional e da inserção no mercado de trabalho. Também se espera que após o ingresso das mulheres de baixa renda, na empresa Diosa e na ONG Mulher em Construção, localizadas em Porto Alegre/RS, a realidade social em que vivem seja modificada e que haja uma melhora no seu empoderamento no âmbito público, não sendo necessariamente adquirida através do seu trabalho, mas pelo contato com o grupo, com as discussões acerca do feminismo.

A justificativa utilizada para o estudo se faz à medida que os movimentos feministas buscam a diminuição das desigualdades enfrentadas pelas mulheres, e estudá-las, a partir de

suas condições socioeconômicas, traz diversos pontos relevantes para a análise. O empoderamento feminino através da sua autonomia econômica e também seu empoderamento no âmbito público, ajuda a romper situações em que a mulher é diminuída, como nos casos de violência doméstica. A pauta da violência doméstica, nos movimentos feministas, é de suma importância para estudos referentes à mulher na sociedade. As mudanças vividas pelas mulheres ao longo do tempo e o papel do casamento enfatizam a mulher como objeto do âmbito privado, no cuidado da casa e dos filhos BLAY (2003). Com os avanços e mudanças sociais, surgiram movimentos que lutaram para que a mulher adquirisse maior poder *social e econômico* e, também, emergiram protestos contra a tirania masculina dentro de seus casamentos, o que ocasionou um enorme aumento nos níveis de feminicídios da época BLAY (2003). Hoje, ainda ocorrem casos em que as mulheres são brutalmente assassinadas pelo fato de seus maridos não aceitarem a sua emancipação econômica e social.

Em 1916, o Estado incluiu no código civil que a mulher só poderia trabalhar fora de casa se o marido permitisse, e quando ocorria, o fato era visto socialmente como a desagregação daquela família BLAY (2003). Ainda hoje, esse fenômeno pode ser observado com algumas mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que necessitam trabalhar para poderem sustentar seus filhos e a si, que não são autorizadas por seus maridos/companheiros/familiares. Fato este que aprisiona a mulher e que, muitas vezes, são relacionados às situações de violência doméstica. No Brasil, os números da violência doméstica são crescentes. Segundo pesquisa realizada pelo DataSenado (2017), a violência doméstica e familiar contra as mulheres aumentou de 18%, em 2015, para 29%, em 2017, não contabilizando casos em que a vítima deixa de prestar queixas às autoridades. O trabalho é uma fonte emancipatória para mulher (BEAUVOIR, 1970), podendo ser uma saída para casos de violência.

Ademais, estudar a mulher no mercado de trabalho enumera suas conquistas sociais. Segundo a Fundação Carlos Chagas (2017), somente nos anos 90 as mulheres começaram a aparecer nos índices de trabalho formal e apenas no ano de 2007 o percentual de mulheres empregadas de carteira assinada chegou a 41%. Contudo, as posições de trabalho se mostram hierarquicamente inferiores ou, quando iguais às dos homens, com salários menores (Fundação Carlos Chagas, 2017).

Como já citado, a construção civil é uma alternativa para as mulheres que buscam empregos formais. A justificativa para estudar esse objeto se dá à medida que as mulheres são

historicamente descartadas nesse meio. O que demonstra a importância dos movimentos feministas para a sociedade, onde a mulher pode ocupar um espaço considerado masculino durante décadas.

O presente estudo está construído no sentido de abranger todas essas discussões e trazer o campo estudado, visando compreender a mulher no mercado da construção civil em Porto Alegre. Para isso, serão estudadas a empresa Diosa e a ONG Mulher em Construção, além de uma pesquisa exploratória no Rio de Janeiro/RJ com o Projeto Mão na Massa. O trabalho está dividido em capítulos que visam chegar à resposta do problema proposto.

No primeiro capítulo, serão apresentadas as metodologias trabalhadas, estas de entrevistas semiestruturadas e de observação participante, assim como o desenvolvimento da elaboração da metodologia. Também foi realizada a contextualização dos movimentos femininos, para entender de que forma o movimento se constituiu até chegar aos dias de hoje, de forma histórica e também estrutural.

No segundo capítulo, trataremos da discussão da mulher no âmbito privado e público, buscando aprofundar a questão da mulher como objeto do privado, procurando elencar as questões que envolvem a emancipação da mulher, de maneira que alcance seu empoderamento feminino no âmbito público urbano. Também será discutido o conceito de empoderamento, a fim de delimitar a linha de pensamento seguida para a realização das entrevistas e da análise.

No terceiro capítulo, Mulheres Empoderadas, abordaremos os campos trabalhados, as entrevistas realizadas, a observação participante e os materiais coletados durante o campo. Nesse capítulo, serão apresentadas as primeiras conclusões do estudo.

Por fim, o capítulo conclusivo, trará as considerações finais do estudo, buscando entender como a teoria e a prática se fundiram, da mesma maneira que se buscou novas reflexões para possíveis estudos futuros.

## 2 METODOLOGIA E CONTEXTUALIZAÇÃO

### 2.1 METODOLOGIA TRABALHADA

Para iniciarmos o estudo, devemos primeiramente expor a metodologia trabalhada ao longo da elaboração da pesquisa, bem como, entender de que forma essa auxiliou na busca pelo objetivo da pesquisa. Neste capítulo, discutiremos os métodos qualitativos de entrevista semiestruturada, estudo de caso e de observação participante. Também estudaremos os movimentos feministas, iniciando a discussão teórica do estudo, de maneira a buscar entender os movimentos e seu desenvolvimento ao longo da história.

A metodologia do estudo apresentou caráter qualitativo, no intuito de “maior liberdade de manifestação e, ao pesquisador, identificar e compreender dimensões subjetivas da ação humana.” (BRUMER e ROSENFELD, 2008, p.137). Examinar com profundidade as qualidades do fenômeno observado, utilizando-se de um conjunto de técnicas de pesquisa qualitativa. Os métodos utilizados foram de realização de entrevistas semiestruturadas, seguindo COTANDA e SILVA (2008) fazendo uso de roteiro com aspectos fixos, porém oferecendo à entrevistada liberdade nas respostas, com objetivo de utilizar o aspecto narrativo para a análise. Também foi utilizada a ferramenta de estudo de caso, a partir de Yin (2015, p. 35) “o estudo de caso, como outras estratégias de pesquisa, representa uma maneira de se investigar um tópico empírico seguindo-se um conjunto de procedimentos pré-especificados.” O estudo de caso é uma ferramenta de análise que auxilia a compreender fenômenos sociais complexos, a partir de uma visão de pequenos grupos ou de ciclos individuais. Por fim, foi amplamente utilizado o método de observação participante. Para tal, foi estudado o autor QUIVY (2008) que detalha seu uso em diferentes meios de pesquisa e assinala sua importância em estudos em que o investigador se insere no ambiente investigado, segundo o autor “O investigador está particularmente atento à reprodução ou não dos fenômenos observados, bem como a convergência entre as diferentes informações obtidas, que devem ser sistematicamente delimitadas”. (QUIVY, 2008, p. 98) Essa ferramenta foi utilizada para o estudo de duas formas: 1. Entender os processos dentro do grupo observado; 2. Comparar as observações com as entrevistas realizadas. Esse método foi utilizado apenas no estudo da ONG Mulher em Construção.

O estudo teve como foco: investigar como as mulheres de baixa renda podem conseguir o empoderamento no âmbito público e de que maneira os movimentos feministas, através da



empresa Diosa e da ONG Mulher em Construção, localizadas em Porto Alegre/RS, contribuem para esse empoderamento através da qualificação profissional voltada para construção civil e na inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. Para o presente estudo foram selecionadas uma empresa e uma ONG que atuam em Porto Alegre/RS, além de uma pesquisa exploratória realizada no Rio de Janeiro/RJ, onde foram analisadas de formas distintas: A pesquisa exploratória, no Rio de Janeiro, foi executada em forma de entrevista semiestruturada com ex-participante do Projeto Mão na Massa e fundadora da empresa Concreto Rosa. Em Porto Alegre, a empresa Diosa foi investigada a partir de entrevista semiestruturada com responsável pela empresa, e também através de informações no site<sup>2</sup> e em redes sociais. Por fim, a ONG Mulher em Construção foi analisada a partir de três pontos principais: 1. Observação das aulas, realizando observações participantes; 2. Entrevistas semiestruturadas com responsáveis do grupo; 3. Entrevistas com alunas dos cursos.

A ONG Mulher em Construção foi investigada nos meses de novembro e dezembro do ano de 2018. O estudo ocorreu durante um curso de hidráulica oferecido pela ONG, as aulas eram ministradas às sextas e sábados, no horário das 08h30min às 17h30 min, a turma consistia em cerca de 15 mulheres. O método de Observação Participante foi aplicado durante o desenvolvimento do curso, ex.: montagem de encanamento, e no acompanhamento das aulas. Na primeira etapa da pesquisa, no mês de novembro de 2018, foi realizada uma entrevista com a vice-diretora da ONG Mulher em Construção, gravada com autorização da entrevistada. Na etapa seguinte, mais 6 mulheres, alunas do curso de hidráulica, foram entrevistadas, seguindo o roteiro semiestruturado, anexo na página 84 deste trabalho, as entrevistas foram gravadas com autorização e ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2018. Todas as entrevistas aconteceram no local em que o curso estava sendo realizado, no Assentamento 20 de Novembro e ocorreram sempre em intervalos das aulas do curso.

A metodologia aplicada serviu para alcançar os objetivos traçados do estudo, visto que o grupo pareceu aberto às observações participantes, sem desconforto com a pesquisadora no local do curso de hidráulica. O método de entrevistas semiestruturadas foi de grande valia, no sentido das entrevistadas mostrarem-se dispostas a responder as perguntas e também ao contarem fatos de suas vidas, além do que era perguntado, trazendo novos aspectos ao estudo.

---

<sup>2</sup> <https://diosa.com.br>

## 2.2 INICIANDO O DEBATE: CONCEITUALIZANDO OS MOVIMENTOS FEMINISTAS

O presente tópico tem como objetivo contextualizar os movimentos sociais e feministas. Estudar os movimentos sociais é essencial para entender os problemas e as demandas da população. Enfatizar a cultura, a ideologia, as lutas sociais e a solidariedade entre as pessoas, gera um processo de identidade de um movimento GOHN (2007). Os movimentos sociais devem ser avaliados continuamente, é preciso aprofundar os estudos para não se valer de análises empíricas e de generalizações. Os movimentos não podem ser classificados como tal, somente pelo simples conflito, é preciso enxergar suas nuances e motivações sociais. Para a existência de um movimento social é preciso haver: conflito, solidariedade e ruptura dos limites do sistema MELUCCI (1989). O conceito de movimento social se inicia na cultura e na identidade dos grupos que se unem pela causa.

O elemento da cultura na análise é representado em movimentos, no ato de cantar ou ler, na maneira que damos significado aquilo que ali ocorre, assim como destacando a cognição das palavras e crenças, a emoção que nos mantém próximos uns dos outros e da moral no conjunto de princípios explícitos e nas intuições. Ao juntar esses elementos, é o movimento como um conjunto de ações, que liga as pessoas entre si e com a causa. (JASPER 2016). Os movimentos feministas são elucidados quando observamos a empatia entre as mulheres nas causas compartilhadas, nas mobilizações cheias de expressões culturais com o corpo e a voz, no uso de recursos materiais e dos próprios corpos expressando significados culturais. (JASPER, 2016). Os movimentos sociais são caracterizados pela identidade, empatia e mudança social. (MELUCCI 1989, JASPER, 2016)

Os movimentos feministas são conhecidos por suas expressões e utilizam o corpo como ato de protesto, quando falamos em atos como a “Marcha das vadias”, movimento que surgiu no Canadá em 2011, e que se iniciou a partir de protestos contra a fala de um policial, da Universidade de York, que ao alertar sobre segurança e prevenção à violência, afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas de ataque”.<sup>3</sup> Hoje, a Marcha das vadias acontece nas principais capitais brasileiras, todos os anos, e é considerado um dos eventos mais importantes na luta feminista. Esse movimento é tradicionalmente

---

<sup>3</sup> <https://marchadasvadiascwb.wordpress.com/conheca-a-marcha/porquevadias/>

conhecido pelas mulheres utilizarem seus corpos como protesto, além de suas vozes e suas batucadas, o que demonstra a relação da teoria de JASPER (2015) no empírico.

Os movimentos feministas têm uma série de particularidades nas suas formas de expressão e de interação com a sociedade, além de funcionar de maneira coletiva e individual. Para adentrar na pauta dos movimentos feministas, faremos uma retrospectiva histórica da construção dos movimentos, a fim de demonstrar a dimensão dos movimentos feministas e apresentar o quanto as lutas travadas ao longo das décadas fizeram com que hoje as mulheres tenham uma série de conquistas sociais, como por exemplo, trabalhar em um mercado, antes, totalmente voltado para o homem, como a construção civil.

Iniciaremos a retrospectiva histórica dos movimentos feministas com a autora PINTO (2010), trazendo uma breve explicação de como o mundo estava na década de 60. Os anos 60 foram uma época de grande expansão social, com muitos movimentos emergindo pelo mundo, como o movimento *hippie*, na Califórnia, propondo um novo estilo de vida, focado no lema “paz e amor”, onde as pessoas viviam uma nova liberdade social, seguindo um estilo de vida do mesmo modo que o emblemático “Maio de 68”, em Paris, caracterizado como um forte movimento de estudantes, impulsionado pela libertação sexual e ampliação de direitos civis, que tomou força com a união do proletariado à causa, gerando grandes greves gerais e pedidos pela retirada do governo da época, do presidente Charles de Gaulle, considerado conservado. Embora o movimento não tenha alcançado nenhuma vitória específica, gerou uma onda de mudanças de comportamentos sociais, com reflexos em todo o mundo ocidental da época. Nos anos 60, também foram aprovadas as pílulas anticoncepcionais, primeiramente nos EUA e depois na Alemanha, gerando um grande estrondo, considerado o início da libertação sexual das mulheres. Além do lançamento, no ano de 1963, do livro *A mística feminista* de Betty Friedan. O movimento feminista aparece como um movimento libertário que queria a mulher não só nos espaços públicos, mas também na luta de nova forma de relacionamento entre mulheres e homens, buscando a liberdade e autonomia dos corpos femininos PINTO (2010).

PINTO (2010), ao descrever os avanços dos movimentos feministas pelo mundo, enfatiza a situação do Brasil naquela época, a década de 60 foi de extrema repressão no país. Com o golpe militar de 1964, o país vivia um período de privações de liberdades, de punições a movimentos sociais e de ativistas, e músicos, escritores, etc. precisaram exilarem-se em outros países. Somente na década de 70, as manifestações feministas, de forma muito controlada, surgiram e, então, em 1975 com a I Conferência Internacional da Mulher, que aconteceu no

México, organizada pela ONU (Organização das Nações Unidas), foi declarado que os 10 anos seguintes seriam a década da mulher. Assim, no Brasil, no mesmo ano, houve uma manifestação no sentido de tomar a causa da mulher, na semana de debates do “Papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira” também encabeçada pela ONU. Porém, somente em 1980, com a redemocratização do Brasil, o movimento feminista pode, de fato, avançar.

Na mesma época, nos anos 70, a discussão dentro dos movimentos feministas da Europa e dos EUA estava bem mais avançada com a pauta: a questão do gênero, no início, o pensamento da mulher como algo plural, as “mulheres”, e não somente aquelas que eram biologicamente assim chamadas. O gênero passa a ser considerado, pelas estudiosas da época, como uma construção social das identidades sexuais. O conceito de gênero gera um avanço nos estudos, de maneira a incluir novas tendências universais, na relação do masculino com o feminino CONCEIÇÃO (2009).

Com o conceito de gênero mais desenvolvido, no final dos anos 70, começou-se a falar de um novo feminismo, o pós-moderno. (CONCEIÇÃO, 2009; SARDENBERG, 2004) A temática do gênero gerou essa “separação” do feminismo, onde antes somente se falava em mulher, e nas causas relativas às opressões femininas, e, hoje, esse conceito se estende às causas universais, origins, incorrendo do essencialismo. O conceito de gênero foi um importante divisor do movimento feminista, entre antes dele e depois. No intuito de atribuir à luta o termo gênero (SCOTT, 1995).

O conceito de gênero deve ser incluído como uma categoria de análise, em conjunto com classe e raça, fazendo com que aqueles oprimidos socialmente sejam compreendidos na medida em que estudamos as desigualdades, dentro desses pilares: gênero, raça e classe. (SCOTT 1995) Os movimentos feministas incluíram as novas ideias de gênero, e tomaram forças para abrir a discussão sobre todas as diferentes formas de opressão sofridas pelas mulheres. O debate sobre os avanços da teoria feminista, visando gênero, raça e classe, é de substancial importância para o presente estudo, visto que olhamos para mulheres de baixa renda no mercado de trabalho. A discussão de gênero, incluindo raça e classe, que se iniciou nos anos 70, avançou durante a década. Quando iniciamos os anos 80, começamos a entrar em uma nova fase dos movimentos feministas, a das conquistas sociais das mulheres. Nos anos 80, iniciamos a era das conquistas das mulheres, e diversos avanços sociais aconteceram. As conquistas dos movimentos feministas dos anos 80 foram emblemáticas. (CARNEIRO, 2003) A primeira grande vitória da década foi a inserção das propostas dos movimentos na constituição de 1988,

depois, a criação de Conselhos da Condição Feminina, assim, com maior ênfase à luta contra a violência doméstica e sexual, inserindo-a em assuntos relacionados ao âmbito público, destarte objetivo de políticas públicas. Nos anos 80, muito se avançou nas primeiras discussões públicas sobre o desenvolvimento da sexualidade da mulher, no direito ao prazer e a decisão de ter ou não filhos.

Os movimentos feministas sempre estiveram atrelados a lutas populares pela democratização do país (CARNEIRO, 2003). Vinculados às mulheres de classes populares que lutavam por pautas relativas ao direito de abortar, sem morrer, ou a ter creches onde deixar seus filhos para poderem trabalhar. A questão de raça e classe, gerando uma crítica aos movimentos feministas e a visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, mostra que a incapacidade de reconhecer as diferenças sociais entre as mulheres, além de suas identidades biológicas, fez com que diversas vozes fossem silenciadas, além de diversos corpos estigmatizados, de mulheres que foram vítimas de outras forças de opressão que iam além do sexismo e que tiveram seus corpos invisibilizados (CARNEIRO, 2003).

O feminismo não atende de maneira substancial as variáveis das mulheres, a expressão enegrecendo o feminismo de CARNEIRO (2009, p.118) visa “designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro.” Ressaltando que o mesmo ainda segue uma linha de identidade branca, ocidental e eurocêntrica, assinalando a necessidade de incorporar as diferentes expressões do feminino, revelando uma lacuna teórica e prática na incorporação de sociedades multirraciais e pluriculturais. Há insuficiência do feminismo em abranger todas as pautas, de maneira que exclui alguns tipos e trata a questão de gênero de forma isolada, sem considerar, classe social, raça e as necessidades de cada grupo, tentando unificar o feminismo em um grupo desigual. Como relata Carneiro (2003, p.119):

Grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades.

Para as mulheres negras atingirem a mesma desigualdade enfrentada entre as mulheres brancas e os homens ainda seria preciso uma extraordinária mobilidade social. Ao atrelar a

discussão de CARNEIRO (2003) com o estudo proposto, vemos que falamos de mulheres que são historicamente ligadas a trabalhos inferiores, e que ao falar da emancipação da mulher branca, perdemos ao não considerar quem ocupará aquele cargo, de dona de casa, quando esta não estiver ali. Também devemos considerar qual mulher vai ocupar o cargo na construção civil. Questões como a falta de oportunidade ou a vontade de estar trabalhando naquele ramo devem ser consideradas, por serem muito distintas. A oportunidade e a vontade são razões que permeiam em opostos neste caso.

Ao avançarmos na discussão, seguindo a linha de tempo proposta inicialmente, chegamos aos anos 90 e 2000, e podemos observar o feminismo avançando em várias etapas, porém é preciso o olhar atento, assimilar as críticas aos movimentos que seguem uma linha heteronormativa, branca, classe média e excludente. A grande pauta que vemos hoje, nos anos 2000, é a dificuldade de inserir *todas* e a importância de adentrar nas pautas relativas às mais diferentes mulheres. O feminismo ainda é visto como algo branco, muitas vezes, de classe média e acadêmico. MARX e CELIBERTI (2017, p. 124), ao falarem das mulheres de fronteira, nos atentam a essa causa: “para as feministas afro, e para as indígenas, a disputa, se dá tanto no pensamento teórico feminista, como no campo político. Por isto se abre um debate que surge de outros lugares de enunciação, de outras experiências sociais, de outras dores e marcas.” Os movimentos feministas colocam, em alguns casos, todas as mulheres na mesma posição social em que as mulheres brancas ocupam, esquecendo-se de levar em consideração as mulheres negras e indígenas que sofrem socialmente opressões e obstáculos diferentes, por vezes, mais dolorosos e desiguais. MARX e CELIBERTI (2017, p.125) ainda empregam que “desde o feminismo negro adverte-se que não se trata de renomear, já que a conjunção de gênero-raça interpela em si mesma as categorias tal como foi formulada.”

Ao analisar a categoria raça dentro do feminismo, HOOKS (2015) fala do surgimento do movimento nos Estados Unidos, visto do olhar das mulheres que eram vitimizadas, das mulheres agredidas física e mentalmente, impotentes em mudar a sua situação, que essas sim, eram a maioria silenciosa. Sua principal crítica seria ao lançamento do livro “A mística feminista” de Betty Friedan, já citado aqui, que para as mulheres brancas foi um marco, porém não abrangia as diferentes mulheres, de outras raças e classes sociais, que buscavam liberdade de seus lares e se esqueciam de que muitas outras nem o tinham, ou, então, quando a mulher branca tinha dificuldade em ingressar em um emprego em que a mulher negra nem seria considerada. Para Hooks (2015, p. 194), Friedan desvia “a atenção de seu classismo, suas

atitudes sexistas em relação à massa de mulheres norte-americanas.”. Segundo Hooks (2015, p. 208):

Nós, mulheres negras sem qualquer “outro” institucionalizado que possamos discriminar, explorar ou oprimir, muitas vezes temos uma experiência de vida que desafia diretamente a estrutura social sexista, classista e racista vigente, e a ideologia concomitante a ela. Essa experiência pode moldar nossa consciência de tal maneira que nossa visão de mundo seja diferente da de quem tem um grau de privilégio (mesmo que relativo, dentro do sistema existente). É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra hegemonia.

A questão da inquietação com FRIEDAN (1971) é uma constante discriminação que a mulher negra sofre, ao difundir o feminismo do ponto de vista somente da mulher branca, que também são legítimas e importantes, mas ao olhar para o cenário da época, onde cerca de um terço das mulheres já estava na força de trabalho, fica a questão de quais mulheres estavam trabalhando, visto que, analisando historicamente, a mulher negra sempre trabalhou, seja escravizada, seja por ser único provento para si e os filhos, o privilégio da família patriarcal, comandada por um pai, às vezes autoritário, também pertence à mulher branca. A mulher negra sempre trabalhou e, em muitos momentos, para a mulher branca, até quando esta buscou a sua emancipação e deixou a mulher negra em seu lugar, no cuidado da casa e dos seus filhos.

DAVIS (2017) elucida o que HOOKS (2015) traz ao chamar a atenção para o estudo histórico dos movimentos de mulheres negras nos Estados Unidos. Somente em 1985, “cem mulheres negras de dez estados se reuniram na cidade de Boston, sob liderança de Josephine St. Pierre Ruffin, para discutir a criação e organização nacional de agremiações de mulheres negras.” (DAVIS, 2017, p.15) Essa data remete a cinco anos após a criação da Federação of Women’s Clubs, que foi um movimento de mulheres que incluía somente brancas e de classe média. A proposta desse movimento das mulheres negras era de atingir *todas* as mulheres, além de incluir a “defesa ideológica e militante das mulheres negras – e dos homens negros – contra os danos causados pelo racismo.” (DAVIS, 2017, p. 15) Era iminente as diferentes nuances sociais que as mulheres brancas e negras combatiam, e ainda combatem, enquanto o movimento de mulheres brancas lutava pelo direito ao voto, as mulheres negras, da classe trabalhadora, lutavam pelo direito a uma vida digna. A emblemática frase “Mulheres querem pão e não voto” serviu de alerta para as feministas brancas entenderem o lugar de privilégio em que estavam, e

ainda estão, perante às mulheres negras, que lutavam por direitos básicos. Além disso, DAVIS (2017) traz outra pauta que as mulheres negras combatem, a da violência racista. No século XIX, foi criado o movimento Black Women's Club Movement, que em grande medida foi originado em resposta à epidemia de linchamento da época. As líderes do movimento “Ida B. Wells e Mary Church Terrel perceberam que as mulheres negras não podiam caminhar rumo ao empoderamento se não contestassem radicalmente o poder da lei de linchamentos pelo país.” (DAVIS, 2017, p. 21) Quando as mulheres afro-americanas sobem em direção ao empoderamento, todas as outras mulheres sobem (DAVIS, 2017). O que está em jogo aqui é a luta pela igualdade social, a luta contra o racismo, contra o sexismo, a violência, as demandas das minorias sociais. Em especial, a luta das mulheres e as desigualdades enfrentadas por elas. CRENSHAW (2002) retrata o ponto de vista das desigualdades que as mulheres sofrem, ao fazer referência de como a Declaração Universal dos Direitos Humanos era aplicada às mulheres, embora garantisse o direito a todos sem distinção de gênero, os abusos que as mulheres sofriam eram vistos de forma diferente, e, foi comprometida à medida que as experiências e violências sofridas eram consideradas de formas diferentes para homens e mulheres. Entender e tentar preencher as lacunas, nas discussões sobre as necessidades específicas dos mais diversos grupos de mulheres, entender que, muitas vezes, as experiências das mulheres “racialmente identificadas são por vezes obscurecidas ou marginalizadas nos discursos sobre direitos” (CRENSHAW ,2002, p. 174).

Em 1989, CRENSHAW desenvolveu o conceito da interseccionalidade, visando abranger as demandas das diferentes mulheres. A interseccionalidade é um termo que surgiu para designar as diferentes relações de poder entre raça, gênero e classe (HIRATA 2014). O conceito focaliza, sobretudo, na intersecção entre raça e gênero. Hoje, o feminismo vem avançando, porém há muito que fazer, a importância de inserir as intersecções dos estudos feministas ressalta o movimento descolonial, na proposta de deixar o feminismo menos classista e para poucas mulheres, interligar as pautas se faz fundamental. A interseccionalidade é uma forma de adentrar o campo jurídico, na distinção raça e sexo, à medida que CRENSHAW (1991) coloca a questão da mulher negra nos embates judiciais. A interseccionalidade é um recurso que as estudiosas feministas encontram para combater as desigualdades sociais, sua investigação e inclusão em estudos sobre feminismo se faz de importância ímpar, focando as intersecções de raça e gênero, retomando também as questões de classe e sexualidade de modo a contribuir nas experiências das mulheres de diferentes etnias (HIRATA 2014).



O conceito da interseccionalidade ajuda a unificar os estudos, interligando as características de opressões sociais, dentro dos aspectos sociais como, raça, gênero e classe social (CRENSHAW 2002). A ideia central do conceito é estudar as desigualdades básicas que são criadas a partir de mecanismos sociais discriminatórios, como o sexismo ou o racismo. O conceito da interseccionalidade se aplica ao presente estudo quase que de maneira natural, quando analisamos as diferentes mulheres, por sua raça ou classe social, uma série de nuances ficam implícitas, como a tendência de algumas mulheres a terem menos anos de estudos ou mais filhos, fatores que são atrelados diretamente a classe social em que essa mulher está inserida, como quanto menor a faixa de escolaridade, a mulher tem uma tendência a pertencer a uma classe social baixa. A interseccionalidade é hoje uma pauta que precisa ser inserida nas discussões feministas, sua importância para compreensão das desigualdades enfrentadas pelas mulheres é ímpar.

Ao avançar nas discussões feministas, devemos trazer outro conceito relevante, a do feminismo descolonial. LUGONES (2014) reforça a ideia de ir ao encontro desse feminismo descolonial e escreve que “Se mulher e negro são termos para categorias homogêneas, atomizadas e separáveis, então sua intersecção mostra-nos a ausência das mulheres negras – e não sua presença.” (LUGONES, 2014, p. 935) Ressalta que se o sistema em que estamos inseridos, moderno colonial de gênero, ver a mulher vai além da lógica de categorias que nos encontramos, visto que só falar de mulher, não abrange quebrar a barreira de categorização colonial em que estamos inseridos. A descolonização do gênero é de substancial importância para o avanço dos estudos feministas, ir de encontro às subjetividades que construímos com a situação dada, atrelar ao aprendizado sobre os povos, culturas, crenças, tirando somente a narrativa de opressão quanto às mulheres, fazendo com que possamos aprender e não sucumbir a colonialidade, buscando um entendimento sobre quem somos e como vamos nos descobrir a partir desse ponto. Estamos atrasados em muitos aspectos, quando focamos em um feminismo que ainda carrega a colonização LUGONES (2014). Neste sentido, a autora Ballestrin (2017, p.1038) escreve que:

É como se o poder colonial fosse somado ao poder patriarcal; a violência sexual em particular aparece como fundamental para entendermos a violência colonial em geral. O corpo feminino pode ser pensado como o primeiro “território” a ser conquistado e ocupado pelo colonizador (homem, branco, cristão, europeu e heterossexual). Nas mais diversas situações de conflitualidades violentas, a vulnerabilidade do corpo feminino é acentuada: desde as conquistas coloniais, às guerras civis e interestatais, às ocupações e

intervenções militares. Imperialismo, colonialismo e guerras foram, em geral, empreitadas masculinas e masculinizadas. Nesses contextos, a violação do corpo feminino por homens colonizadores, militarizados ou armados, do lado “amigo” ao “inimigo”, repete-se histórica e violentamente.

Quando juntamos os fatores citados pela autora, da colonialidade com o patriarcado e a violência que isso gera nas mulheres, vimos a imposição de todas essas violências atreladas ao corpo feminino, como território, conquista. Somente no momento em que estivermos cientes dessas opressões e não as naturalizarmos chegaremos a um novo feminismo descolonial. Autoras como LUGONES (2014), BALLESTRIN (2017) e CARNEIRO (2003) apontam para a importância de ir além desse feminismo eurocêntrico, branco, colonizado, heteronormativo, que representa apenas algumas mulheres. Muitas conquistas dos movimentos feministas ainda não chegaram a todas, é preciso incluir nas pautas todas as mulheres, com suas diferentes limitações e opressões. A proposta deste estudo é de abrir o conhecimento sobre os movimentos feministas dentro da academia, de ressaltar as autoras que estão realizando debates como a interseccionalidade e a descolonialidade, ir além das autoras clássicas e quebrar as barreiras do feminismo, enxergar nossa própria realidade, reconhecer privilégios e incluir as mais diferentes formas de luta e resistência, além de ir de encontro a aspectos atuais dos movimentos e enxergar a realidade que também está além dos muros da academia.

O presente estudo busca alcançar seu objetivo de investigar como as mulheres de baixa renda podem conseguir um empoderamento no âmbito público e de que maneira os movimentos feministas podem contribuir para esse empoderamento através da qualificação profissional voltada para construção civil, integrando os conceitos levantados nesse capítulo. Para compreensão dos fenômenos estudados, é importante ressaltar que a análise partiu dos conceitos tratados nesse capítulo, de movimentos feministas a partir de PINTO (2010) com a retomada histórica, CONCEIÇÃO (2009) e SARDENBERG (2004), com a temática do gênero, CARNEIRO (2003), HOOKS (2015) e DAVIS (2017) com a crítica ao movimento elitista e branco, HIRATA (2014) e CRENSHAW (1994) sobre a interseccionalidade e LUGONES (2014) e BALLESTRIN (2017) falando sobre o feminismo descolonial. O uso dos conceitos estudados busca entender as mulheres investigadas e compreender suas realidades sociais, de maneira que as barreiras sociais impostas a elas possam ser derrubadas.

### 3 A MULHER E A DESIGUALDADE DE GÊNERO

#### 3.1 DE DONA DE CASA A MESTRE DE OBRAS: UMA DISCUSSÃO ENTRE O ÂMBITO PRIVADO E O PÚBLICO

O gênero feminino é associado ao frágil. A mulher é vista como algo vulnerável, que deve se manter dentro do espaço privado, de suas casas, de suas famílias, o espaço público é visto como algo perigoso de maneira que é “sugerido às mulheres que abracem as normas masculinas de cidade produzida para servir aos interesses de mercado que às demandas e necessidades da população.” (TAVARES, 2017, p. 3). A mulher não pode pertencer ao espaço urbano, tornando-se invisível a esse espaço público.

A mulher no espaço urbano, sua relação com a cidade e sua dificuldade em ter acesso ao espaço público enfatiza a falta de políticas e ações governamentais voltadas para as mulheres, tornando-se um motivo que impede seu acesso ao espaço urbano TAVARES (2017). A principal causa para tal é a violência de gênero que a mulher sofre. Hoje, com a resistência feminina e suas redes de ações, a mulher tem lutado para ter mais acesso ao âmbito público, adentrando esse lugar que era visto como pertencente ao homem, chefe de família e fonte de sustento da casa. Hoje, o espaço público urbano vem se abrindo para as mulheres. Os interesses para tal se relacionam com as condições em que as mulheres se posicionam na nova divisão sexual do trabalho, interesses estratégicos, elaborados por mulheres que atuam dentro dos setores de trabalho, de certa forma, divergindo entre emancipação e igualdade de gênero, quando somados a classe social e raça, as diferenças sociais emergem TAVARES (2017).

A mulher deve ser vista como pertencente ao espaço público urbano nos postos de trabalho e assumindo posições sociais antes só ocupadas por homens. TAVARES (2017) traz uma contribuição importante para esse estudo, no sentido em que assume alguns termos para que a espacialidade com a perspectiva de gênero possa ser alcançada. Entre eles, argumenta que é preciso reconhecer a dimensão de classe, assim como, entender que as desigualdades de gênero são diversas dentro do espaço urbano; de maneira que é preciso estar atento aos interesses práticos das mulheres na construção desse empoderamento nesse espaço, entender que “o espaço urbano é portador de múltiplos significados para as mulheres. Através de experiências cotidianas e práticas espaciais, os espaços podem significar limites, fronteiras ou possibilidades, bem como a representação de identidades sociais.” (TAVARES, 2017, p. 10).

O espaço público urbano deve ser entendido, de maneira a ser usado a favor do empoderamento da mulher, criando meios e subterfúgios para que ela possa conquistar seu espaço, assim como é preciso entender a mulher quando é vista no âmbito privado, do espaço doméstico, longe do espaço urbano central, representado pelo homem.

TAVARES (2017) ressalta a importância da teoria do modelo de existência de BEAUVOIR (1970), mostrando as ideias da mulher atribuída ao espaço doméstico e questionando o porquê assim foi designado, e como se pode sair desse modelo imposto socialmente às mulheres. Segundo Tavares (2017, p. 7):

Uma das questões fundamentais na teoria feminista e de gênero é a histórica imposição de um modelo de existência (Beauvoir, 1970) reinventado cotidianamente pelos processos de dominação, e questionado por feministas, não só através do discurso, mas também através da busca de práticas transformadoras que colocam em xeque o ideal feminino (ou de mulher). A própria ideia socialmente construída de espaço urbano, de forma geral, coloca as mulheres em um lugar marginal e dito feminino: o espaço doméstico (espaço privado); enquanto os homens estão num lugar central, considerado naturalmente masculino: o espaço público, sinônimo de espaço urbano pela visão hegemônica dominante.

A discussão da mulher no espaço privado, doméstico, é tão relevante quanto a sua posição no espaço público. A mulher é vista como pertencente ao mundo privado desde a época que a propriedade privada surge. Entender como essa desigualdade iniciou, faz com que compreendamos como lutar contra ela. Segundo BEAUVOIR (1970), à medida que o homem se torna “dono” de tudo, inclusive da mulher, faz com que ela seja colocada dentro desse âmbito. Como traz Beauvoir (1970, p. 74) no seguinte trecho:

A mesma causa que assegurará à mulher sua autoridade anterior dentro da casa, seu confinamento nos trabalhos domésticos, essa mesma causa assegurava agora a preponderância do homem. O trabalho doméstico da mulher desaparecia, então, ao lado do trabalho produtivo do homem; o segundo era tudo, o primeiro um anexo insignificante.

O surgimento dessa condição para a mulher, de presa ao âmbito privado, é relatado por PATEMAN (1993), para a autora, o casamento era o grande fator limitador para as mulheres, o “contrato de casamento” era como uma servidão, como se fosse uma escravidão da mulher para com o marido. Até 1884, na Inglaterra, a mulher poderia ser até presa caso não concedesse os direitos conjugais ao marido, além de casos em que o marido poderia manter a mulher

aprisionada. “As mulheres eram forçadas a participar desse suposto contrato. Os costumes sociais destituíram as mulheres da oportunidade de ganharem seu próprio sustento, de modo que o casamento era sua única chance.” (PATEMAN, 1993, p. 236) O casamento era visto como única maneira de “libertar” a mulher, fazendo com que ela se aprisionasse em uma nova forma de opressão. Até o ano de 1857, a mulher não podia se divorciar, este só poderia ser realizado por um ato parlamentar e em prol do homem, somente em 1969, o divórcio começou a se tornar mais viável para ambas as partes. PATEMAN (1993) aponta que, ainda por volta do século XIX, o trabalho doméstico era considerado como sendo predominantemente feminino, o que continuamos a ver em estatísticas. Segundo dados do IBGE de 2016, as mulheres brasileiras trabalham nos afazeres domésticos cerca de o dobro de horas que os homens.

O conjunto de todas essas ideias e imposições às mulheres se reflete nos dias de hoje. Essa pauta é assustadoramente antiga e atual, a da luta contra o estigma da mulher ser somente um objeto do privado, servindo como, apenas, mãe e dona casa se faz evidente e esse fator se intensifica quando analisamos a mulher por sua classe social. TAVARES (2017) cita como essa pauta é importante para a mulher no contexto do espaço urbano e HOOKS (2004) aprofunda a questão relacionando-a à luta das mulheres negras.

HOOKS (2004) ao falar das mulheres, que apontam essa questão em suas vidas, do âmbito privado como único, diz que, em muitos casos, essa reivindicação surge a partir de donas de casa entediadas de classe média, ao citar os estudos de FRIEDAN (1963) que enfatizava essas mulheres. HOOKS (2004) assume a necessidade de tais reclamações, mas as via como algo não essencial, algo não político. Ao adentrarmos na discussão da mulher negra, autoras como DAVIS (2017) colocam que mulheres negras sempre trabalharam e assumiram as responsabilidades sociais, e que esse problema, do privado, seria implícito às mulheres brancas.

Porém, quando voltamos essa questão à realidade brasileira atual, podemos perceber um fenômeno um pouco diferente do apresentado. A mulher de baixa renda também se vê, muitas vezes, limitada ao âmbito privado. Fatores como a falta de escolaridade, dificuldades enfrentadas por ter filhos e não ter onde deixá-los no período de seu trabalho, não ter acesso a empregos por falta de qualificação, influenciam diretamente essa condição em que as mulheres se encontram. A autora PEARCE (1978) desenvolveu o conceito chamado “feminização da pobreza” através do qual atenta ao fato do crescente número de mulheres estadunidenses que apareciam em número maior do que os homens em número absoluto de pobreza e, também, no número de famílias chefiadas por mulheres, que era crescente. Esse conceito se refere ao

processo de empobrecimento das mulheres em comparação aos homens ao longo das décadas. Segundo PEARCE (1978), mulheres casadas e que têm filhos menores ficam mais suscetíveis à pobreza pelos seguintes motivos: 1. Entrada no mercado de trabalho sem preparo para ocupar cargos maiores; 2. Funções reprodutivas, que podem paralisar seu trabalho, o que daria às mulheres cargos menores de trabalho, e consecutivamente salários menores; 3. Dependência de pensão alimentícia, que, em muitos casos, não é paga pelo pai dos filhos. Esse conjunto de fatores faz com que a mulher de baixa renda se encontre em uma situação de desvantagem quando as comparamos a outras mulheres de classes sociais superiores e ,quando as analisamos em relação aos homens, se encaixam na pior categoria de qualificação e remuneração no mercado de trabalho.

Os estudos realizados com mulheres de baixa renda estão sempre aliados a programas sociais ou à pobreza da população em geral MARIS (2017). A pobreza relacionada a direitos sociais, a falta de acesso a eles, como, educação, cultura, sociabilidade, etc. Segundo a ONU MULHERES (2016), no relatório “Mais igualdade para as mulheres brasileiras: caminhos de transformação econômica e social” realizado em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à fome (MDS) e das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos, as mulheres brasileiras são as maiores beneficiárias das políticas sociais, o que enquadra também as mulheres como a maioria da população considerada na linha da pobreza.

Quando adentramos nas discussões sobre as mulheres de baixa renda e a sua relação com a sociedade devemos estar atentos ao questionar o que está incluso na realidade encontrada. Em um estudo realizado anteriormente a este, o qual foi utilizado para um primeiro passo na elaboração deste estudo, o de WEBER (2015), mostrou o caso das mulheres do Programa Bolsa Família do bairro Restinga em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Nele foram encontrados alguns indícios de onde essa questão pode nos levar. Nele uma série de fatores foram levantados, em especial a questão de como a escolaridade ajuda na autonomia pública e privada das mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família. Para isso, o estudo foi conduzido com a seguinte questão: como o Programa Bolsa Família influi na vida das mulheres beneficiárias? O programa ajuda a promover uma autonomia nessas mulheres? O estudo visava dois aspectos principais: a questão da autonomia das mulheres no mundo privado, em suas famílias, e a questão da autonomia no mundo público, através do acesso ao Programa Nacional de Acesso ao ensino Técnico e Emprego (PRONATEC).

Através da realização de entrevistas, que foram analisadas em comparativo aos dados do Observatório de Políticas Sociais do Estado do Rio Grande do Sul (2014), constatou-se que as mulheres que recebiam o auxílio se sentiam mais empoderadas somente em suas casas, no âmbito privado, familiar. Além disso, constatou-se que para que as mulheres estudadas conseguissem alcançar a autonomia no âmbito público, era necessário um conjunto de melhorias na vida das mulheres beneficiárias, o que acabou por gerar a questão de como essas mulheres de baixa renda podem adquirir uma autonomia no âmbito público.

Com esse panorama descrito, da mulher de baixa renda tentando adentrar no espaço do âmbito público, seja através do trabalho ou de melhores condições para deixar seus filhos, e sair de casa, assim como poder estudar, se faz o questionamento: como essas mulheres podem adquirir um empoderamento no âmbito público? Um dos fatores que podem gerar a autonomia das mulheres é o empoderamento através da qualificação e do mercado de trabalho. O presente estudo investiga como essa mulher pode alcançar seu empoderamento no âmbito público, e de que modo os movimentos feministas a ajudam na sua inserção, mais especificamente na mulher buscando seu empoderamento através do mercado de trabalho.

Recentemente, um fenômeno a ser observado em relação à mulher no mercado de trabalho é a inserção da mulher na construção civil, como é um mercado que não exige, necessariamente, um grau específico de escolaridade, e vem se mostrando como uma oportunidade para mulheres com pouca escolaridade. De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (2015), o número de mulheres na construção civil teve um aumento de 65% nos últimos dez anos e só no ano de 2010 foram mais de 200 mil mulheres com carteira assinada no Brasil, o que equivale a 8% dos profissionais da área. As mulheres atuam hoje em diversas atividades do setor, são pedreiras, serventes, carpinteiras, ajudantes de obras, técnicas e engenheiras, tendo como diferencial a busca pela qualificação profissional. (SINDUSCON - PA, 2017)

Poucos estudos estão sendo realizados buscando entender como a mulher pode se empoderar através do seu trabalho na construção civil, um exemplo é o artigo de LANDERDAHL (2013) que foi gerado a partir de uma pesquisa realizada no interior do Rio Grande do Sul com 13 mulheres egressas do Programa de Extensão Universitária Mulheres Conquistando Cidadania. Nesse programa, as mulheres se qualificavam para a construção civil, o resultado da pesquisa mostrou um grande avanço na percepção individual das mulheres participantes. Como relata Landerdahl (2013, p. 311):

O estudo apontou o despertar das mulheres com vistas a um processo de empoderamento. Na medida em que o Programa impactou positivamente no cotidiano das participantes, as marcas deixadas dizem respeito a algumas transformações na sua vida e saúde, oriundas da elevação da autoestima, da valorização e percepção de si como ser humano que tem direitos e que pode enfrentar o instituído.

O estudo mencionado foi realizado pelo Núcleo de Estudos Mulheres, Gênero e Políticas Públicas - NEMGeP do Departamento de Enfermagem da Universidade de Santa Maria, esse estudo é apenas uma pequena brecha aberta para a continuação de práticas que reforcem o empoderamento das mulheres através do mercado da construção civil, visto que os estudos sobre o tema ainda são escassos. O avanço da mulher dentro do mercado da construção civil abriu uma porta para novas oportunidades e hoje, no Brasil, empresas e ONGs vêm buscando dar às mulheres qualificação profissional voltada para a construção civil. O presente estudo visa investigar como essas ONGs e empresas atuam, mais especificamente, serão estudadas a empresa Diosa e a ONG Mulher em Construção, em Porto Alegre/RS. Com o panorama descrito da mulher no âmbito privado e público, dos avanços sociais e do estudo das dimensões da luta feminista, procurando entender de que forma essa mulher investigada pode conseguir seu empoderamento no âmbito público, sobretudo na questão do trabalho e do ganho de conhecimentos, vamos buscar estudar o conceito de empoderamento feminino de forma mais detalhada. O próximo tópico abordará o conceito, suas vertentes e delimitará o caminho que iremos seguir para o estudo.

### **3.2 EMPODERAMENTO FEMININO**

O conceito de empoderamento feminino tem sido atribuído há diversas definições, a Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres<sup>4</sup>, por exemplo, lançou, em parceria com o Pacto Global<sup>5</sup>, os Princípios de Empoderamento das Mulheres<sup>6</sup> com a ideia de aplicá-los em empresas, esses princípios consistem em sete passos que buscam a igualdade entre os gêneros nas empresas, entre eles estão: estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero

---

<sup>4</sup> <http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>

<sup>5</sup> Organização que busca mobilizar a comunidade empresarial do mundo para a adoção de valores fundamentais e internacionalmente aceitos em suas práticas de negócios. <http://pactoglobal.org.br/>

<sup>6</sup> <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>



no mais alto nível; ou também garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa. Esses princípios estabelecidos pela ONU Mulheres buscam uma vertente do empoderamento feminino que está mais ligada aos direitos humanos do que à mulher em si. Para autoras acadêmicas, como LÉON e, DERRE e LÉON (2002), o conceito de empoderamento está ligado à mulher e seu próprio poder. Quando estudamos essas e outras definições de empoderamento, vemos que é essencial estabelecer a linha de pensamento que será seguida para o presente estudo, de maneira a entender a origem do termo e como está difundido hoje. Iniciaremos a discussão com uma breve análise do surgimento do conceito.

Algumas autoras dos movimentos feministas (p.ex. CRENSHAW, 1991; LAVRIN, 1998; SARDENBERG, 2008) relatam que o termo teria surgido nos anos 60 em movimentos feministas negros nos Estados Unidos, que "a partir de ações políticas bottom-up, a criação de vínculos, espaços, símbolos e práticas coletivas de resistência que, em seus próprios termos, confrontavam as estruturas hegemônicas de poder." (TOSOLD, 2015, p.5). A noção do empoderamento em sua questão mais pura de um processo transformador, de alterar as estruturas que oprimem as mulheres, começando a ocupar os espaços formais de poder TOSOLD (2015). Segundo LÉON e DERRE (2002), o surgimento do conceito de empoderamento dentro do movimento feministas foi criado por GITA SEN e CAREN GROWN (1985) em um documento nomeado *Development, Crisis and Alternative Vision*, que foi um manuscrito preparado por várias pesquisadoras e ativistas feministas para a Terceira Conferência sobre a Mulher da ONU em Nairóbi, no ano de 1985. Nessa conferência, o conceito aparece como uma estratégia conquistada por mulheres do "Terceiro Mundo" para mudar suas vidas e como uma forma de transformação social, e se torna um dos objetivos do movimento das mulheres. O empoderamento como base para versões alternativas, tendo como condições para o empoderamento a organização das mulheres em grupos, e também a criação de espaços de fala democráticos. O termo empoderamento chama para a palavra "poder" e quando utilizado esse conceito, como relação social, o poder como agente de experiência para mulher se torna uma experiência de duplo sentido (LÉON e DERRE, 2002), sendo "uma fonte de sua opressão quando objeto de abuso e uma fonte de emancipação de uso."(LÉON e DERRE, 2002, p. 53).

No uso da palavra empoderamento está "a noção de pessoas obtendo poder sobre as próprias vidas e definindo o próprio planejamento; geralmente associado aos interesses dos desprovidos de poder, e pressupõem-se que seja uma expressão de uma mudança desejada, sem especificação do que esta mudança implica." (LÉON e DEERE, 2002, p. 53) A ideia

empoderamento está ligada a uma nova noção de poder, baseando-se em relações sociais e no poder compartilhado LÉON (1997).

Hoje, já vemos o conceito de empoderamento em diferentes formas, o uso do termo deliberadamente confunde onde se quer alcançar ao utilizá-lo, embora saibamos que os movimentos abrangem uma série de pautas e reivindicações, é necessário mostrar como será utilizado para este estudo. Começaremos a partir de SARDENBERG (2004) que coloca o empoderamento como fonte para que possamos assumir nossos corpos e nossas vidas. Como Sardenberg (2004, p. 2) cita no trecho a seguir:

O empoderamento de mulheres é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas, em especial, o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero.

SARDENBERG (2004) utiliza o conceito de empoderamento com o objetivo de destruir essa ordem patriarcal em que nós mulheres vivemos, a autora também vai de encontro fortemente com as ideias de LÉON (1997) enfatizando a questão do empoderamento individual e coletivo, no sentido de que o empoderamento da mulher individual é ilusório, porque onde somente uma se empodera, esse não é real. Do empoderamento como um processo de autoconfiança e autoestima, com a comunidade, em conjunto com a cooperação e a solidariedade (LÉON, 1997). Definição que vai de encontro ao objeto deste estudo, na maneira como o empoderamento é visto a partir de empresas e ONGs, que modificam realidades de forma conjunta.

O uso do conceito de empoderamento é uma questão que nós brasileiras ainda estamos aprendendo SARDENBERG (2004). Diferente das autoras americanas, que criaram o termo “*empowerment*”, estamos aprendendo a usar o termo e a defini-lo ajustado a nossa realidade. Como relata Sardenberg (2004, p. 4):

Para nós, brasileiras, porém, esse termo é ainda complicado – não existe a palavra “empoderamento” dicionarizada no português do Brasil. Trata-se, na verdade, de um neologismo, um anglicismo, mas que vem sendo usado com

pouca parcimônia. O problema é que, também no Brasil, se fala em empoderamento das mulheres, se escreve sobre isso, mas não existe consenso quanto ao que venha a ser *empoderamento*.”

Essa discussão é de grande importância para a análise do presente estudo, visto que todas as definições que temos vêm praticamente de autoras estadunidenses e europeias. Nesse sentido, SADENBERG (2004) tenta, em alguns momentos, trazer essa definição de empoderamento para a realidade brasileira, ligada às ideias de outras autoras que têm o conceito um pouco mais desenvolvido. Como traz Sadenberg (2004, p.4):

No entanto, parece haver consenso em torno de alguns pontos importantes, delineados por Sarah Mosedale (2005, p.243-244), cujas palavras tomo aqui a liberdade de parafrasear: a) para se “empoderar” alguém tem que ser antes “desempoderado” - ex. as mulheres enquanto um grupo; b) ninguém “empodera” outrem –isto é, trata-se de um ato auto-reflexivo de “empoderar-se”, ou seja, a si própria (pode-se, porém “facilitar” o desencadear desse processo, pode-se criar as condições para tanto); c) empoderamento tem a ver com a questão da construção da autonomia, da capacidade de tomar decisões de peso em relação às nossas vidas, de levá-las a termo e, portanto, de assumir controle sobre nossas vidas; d) empoderamento é um processo, não um simples produto. Não existe um estágio de empoderamento absoluto. As pessoas são empoderadas, ou desempoderadas em relação a outros, ou então, em relação a si próprias anteriormente.

SADENBERG (2004), ligada a ideias de um conjunto de autoras, como BATLIWALA (1994), ressalta a característica da palavra empoderamento estar ligada a poder, “que seria o “controle sobre recursos materiais, intelectuais e ideologia” (BATLIWALA, 1994, p.129), também como ideias de KABEER (1999) no sentido de o empoderamento como um processo ligado a pessoas que antes eram negadas de ter controle por suas próprias escolhas, suas vidas. Colocando o empoderamento como um processo, com escolhas estratégicas, buscando a ideia de Recursos (pré-condições), Agência (processo), e Realizações (os resultados) (SADENBERG, 2004). Dessas três dimensões de KABEER (1999) fica eminente a questão de agência dentro do estudo proposto, seria o “poder para” na “capacidade das pessoas de definir suas escolhas estratégicas e ir atrás de seus objetivos, mesmo em face da oposição de outros” (KABEER, 1999, p. 438). Tendo em vista essa força de ir de encontro às contradições sociais impostas às mulheres estudadas, e como o “poder para” muda suas vidas, de dar a elas as escolhas de seus caminhos através de suas habilidades.

O que traz a discussão do empoderamento através da educação (STROMQUIST, 1997). A educação é sem dúvida um forte instrumento social, através dela mudamos a realidade em que estamos inseridos, quando falamos em empoderamento através da educação, falamos em mudar a realidade social de pessoas de baixa renda. Quando direcionamos esses esforços para as mulheres, que, muitas vezes, são vítimas de violência e privação social, a educação vira um forte meio de mudança naquele grupo. STROMQUIST (1997, p.85) acrescenta que a alfabetização está inserida em um conjunto de elementos, como a cultura e o convívio com o grupo:

Con los estudios sociolingüísticos y antropológicos hemos podido ampliar nuestra comprensión del alfabetismo. Se observa ampliamente que en la participación en los eventos de alfabetización no sólo se adquieren habilidades de descifrado y codificación escrita, sino que, lo más importante, se desarrollan practicas culturales. Esto significa que el alfabetismo está insertado en un conjunto de circunstancias sociales, que puede ser reforzado o bloqueado através de actividades sociales paralelas, y que el logro en el alfabetismo no puede divorciarse del ejercicio permanente de éste.

STROMQUIST (1997) traz o seguinte quadro para ilustrar o “processo” do empoderamento:

Figura 1: Esquemática do processo de empoderamento STROMQUIST (1997)



Fonte: STROMQUIST, pág. 84, 1997.

O presente quadro demonstra como funciona o empoderamento através da educação, afirmando que ele se dá de a partir de uma série de passos. Inicialmente na participação de pequenos grupos, depois numa agenda em si com aquele grupo, e, então, os níveis micro de transformação individual e o macro de transformação social. Embora simplista, o quadro ilustra bem os processos para que a mulher de baixa renda chegue ao empoderamento através da educação, seu modo de não isolar a educação como um agente em si vai de encontro com as ideias da empresa e da ONG estudadas. A rede que se forma para a modificação individual e em grupo daquelas mulheres vai muito além do conteúdo dado em aula.

STROMQUIST (1997), ao falar de empoderamento através da educação, nos atenta que é preciso não ser ingênuo sobre qualquer meio de educação ser uma forma de empoderamento, e que esse é um trabalho constante para que assim possa ser. Mostra que só o processo de alfabetizar, educar por si só não promove o empoderamento. Quando falamos em nós mulheres, chegar ao empoderamento passa por uma série de “degraus” e quando atrelado simultaneamente à raça, etnia e classe passamos por diversos obstáculos tanto para a aquisição de poder, como para a identificação da aquisição do alfabetismo como meio de poder. Também ao falar das dificuldades que a mulher de baixa renda tem para se empoderar, Stromquist (1997, p. 92) nos mostra que:

Las mujeres pobres son mujeres muy ocupadas. No sólo emplean mucho tiempo y energía respondiendo a las necesidades familiares, sino que afrontan condiciones como el control autoritario y rígido de los maridos, violencia familiar, expectativas sociales derivadas de la maternidad y un ambiente comunitario peligroso que les dificulta el desplazamiento. Bajo estas condiciones, la participación está llena de obstáculos y sólo unas pocas podrán hacerla posible. El porcentaje de mujeres que podrán participar bajo estas condiciones no es muy conocido, pero evaluando las tasas de participación en actividades relacionadas, particularmente en los grupos de alfabetización que exigen un compromiso prolongado, la proporción puede ser inferior al cinco por ciento de la población posible. Los proyectos que trabajan con empoderamiento serán pequeños al comienzo y tomará un tiempo substancial en madurar y fortalecerse.”

Como SADENBERG (2004) nos mostrou, ainda estamos construindo o conceito de empoderamento para que possa ser atribuído a nós brasileiras, aos poucos estamos construindo um “novo” conceito que se encaixa na realidade em que vivemos, quando parafraseia MOSEDALE (2005) é que a autora chega o mais perto de delimitar suas ideias, quando diz que somente alguém “desempoderado” pode ser empoderado, que o empoderamento acontece a

partir da autorreflexão, que é uma questão de construção de autonomia e que, por fim, o empoderamento é um processo.

O presente estudo está seguindo a definição de empoderamento feminino a partir de TOSOLD (2015), com a noção do empoderamento em sua questão mais pura de um processo transformador, buscando a libertação das opressões de gênero, da tomada de decisões sobre os nossos corpos e nossas vidas, também buscamos utilizar Léon e Derre (2002, p. 52) “com uma nova noção de poder, baseado em relações sociais mais democráticas e no impulso do poder compartilhado.” na noção da “alteração radical dos processos e estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como gênero.” STROMQUIST (1997), ao falar de empoderamento através da educação, assim como SADENBERG (2004) mostrando que ainda estamos construindo o conceito de empoderamento para que possa ser atribuído a nós brasileiras, e que estamos construindo, aos poucos, um “novo” conceito que se encaixa na realidade em que vivemos. O conjunto dessas ideias busca entender como o processo de empoderamento se dá, e como ele continua após as modificações na vida das mulheres nos espaços feministas em que se inserem.

## 4 MULHERES EMPODERADAS

### 4.1 DESCRIÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO

Neste capítulo, será abordado o universo das mulheres entrevistadas e observadas para o estudo. Em um primeiro momento, serão apresentados os coletivos estudados em Porto Alegre e também a pesquisa exploratória realizada no Rio de Janeiro com intuito de compreender o espaço em que se encontram, sua trajetória e seus objetivos. Serão eles: o Coletivo Mulher em Construção e a Diosa em Porto Alegre e o Coletivo Mão na Massa no Rio de Janeiro.

Figura 2: Logo do Projeto Mão na Massa (Rio de Janeiro)



O Projeto Mão na Massa foi analisado de forma exploratória, através de uma entrevista com ex-participante dos cursos oferecidos pelo projeto. Considerado o pioneiro do Brasil a capacitar somente mulheres para área da construção civil, segundo o site do Projeto Mão na Massa (2017)<sup>7</sup>:

O Projeto Mão na Massa é uma proposta pioneira de qualificação profissional para mulheres, no setor da Construção Civil e foi idealizado pela Engenheira Civil Deise Gravina. O projeto usa a força da construção civil para transformar a vida de mulheres em situação de vulnerabilidade social. Dirigido a mulheres, de 18 a 45 anos, com escolaridade igual ou superior ao 5º ano do Ensino Fundamental, visa à formação profissional e inserção de pedreiras, carpinteiras de forma, pintoras e eletricitas em canteiro de obras. A qualificação profissional é gratuita para as participantes, que além das aulas e do diploma, recebem equipamento de proteção individual e um kit de ferramentas para iniciar serviços e gerar renda após a qualificação.

---

<sup>7</sup> <https://www.projetoamomassa.org.br/>



Mais de 600 mulheres já participaram dos cursos ofertados pelo Mão na Massa, que conta com um banco de empregos onde as trabalhadoras podem ofertar seus serviços e encontrar trabalho após a realização dos cursos. O Projeto Mão na Massa é o maior dessa área no Brasil e é de importância ímpar para o avanço das mulheres no setor da construção civil.



Figura 3: Localização Projeto Mão na Massa

Fonte: Google maps, 2018.

O Projeto Mão na Massa fica localizado no bairro Rocha, na cidade do Rio de Janeiro, é considerado um bairro de fácil acesso na cidade, tendo várias linhas de ônibus que atendem o local e é considerado de classe média - baixa. As mulheres que estudam através do Mão na Massa residem em diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro e, também, em suas proximidades. O Projeto Mão na Massa foi estudado a partir de levantamentos feitos pelo site<sup>8</sup>, informações como ano de fundação, tipos de cursos, duração dos cursos, preocupação social,

<sup>8</sup> <https://www.projetoamaonamassa.org.br/>



entre outras, além de informações fornecidas por telefone, como quando o Projeto parou de funcionar, não definição de volta à ativa e também de uma entrevista à ex-aluna dos cursos. No tópico 1.2 deste capítulo, explicaremos como a pesquisa foi realizada, seus detalhes e resultados.

Figura 4: Logo da Empresa Diosa (Porto Alegre)



A empresa Diosa, localizada em Porto Alegre, tem uma dinâmica um pouco diferente da empregada no Projeto Mão na Massa. A Diosa é uma empresa com fins lucrativos, que ajuda a capacitar e introduzir as mulheres no mercado de trabalho através de uma plataforma online, na qual as mulheres interessadas entram em contato para oferecer seus serviços, e a Diosa, através do site<sup>9</sup>, direciona-as aos clientes interessados. A empresa qualifica a mão de obra feminina, divulga e, além disso, tem como foco incentivar as mulheres a entrarem nesse mercado tradicionalmente masculino. Segundo o site da empresa Diosa (2018):

Somos uma startup que visa valorizar mão de obra feminina através de tecnologia. Conectamos profissionais mulheres qualificadas na área de consertos e reformas sociais a clientes que valorizam serviços de qualidade combinados a uma causa social. Nosso objetivo é oportunizar mais um espaço de protagonismo para as mulheres, buscando maior igualdade de gênero na sociedade.

O site funciona de maneira prática e de fácil entendimento, como se pode ver no quadro abaixo:

---

<sup>9</sup> <https://diosa.com.br/>

Figura 5: Como funciona, site Diosa



Fonte: <https://diosa.com.br/>, 2018.

A primeira escolha a ser feita no site é a da categoria de serviço que será solicitada, ou seja, a que se enquadra no serviço que o cliente está buscando, como uma eletricista ou uma pintora. O site conta com 7 grandes categorias e com um questionário automático que ajuda a/o cliente a encontrar o melhor profissional para o que necessita, além de ter a opção de contratar mais de um profissional para o mesmo serviço, caso necessite, como por exemplo, uma encanadora e depois uma pedreira para consertar a parede.

Figura 6: Categorias do site da Diosa



Fonte: <https://diosa.com.br/>, 2018.

Esse quadro ilustra as categorias disponíveis no site. Quando se clica em uma delas, o questionário automático aparece e faz perguntas relativas ao tipo de conserto que o cliente necessita. Depois, o site disponibiliza para as prestadoras as demandas e elas fazem o orçamento, e, então, a Diosa encaminha os orçamentos para o serviço ao cliente: escolha o melhor. Por fim, o pagamento é feito totalmente online, de forma segura e o site gera um contrato automático para o cliente e a prestadora. A ideia da plataforma é agilidade no atendimento e segurança, tanto no pagamento, quanto na profissional que vai trabalhar na casa do cliente. A Diosa trabalha apenas com prestadoras mulheres, mas atende clientes homens e mulheres. Hoje, já conta com mais de 70 prestadoras em diversas áreas da construção civil.

A empresa Diosa desenvolve várias atividades em parceria com a ONG Mulher em Construção em Porto Alegre. A dinâmica de funcionamento das duas entidades se interliga em alguns aspectos, como, por exemplo, a promoção de cursos e a divulgação das trabalhadoras que são capacitadas pela ONG Mulher em Construção na plataforma online da Diosa. Estudá-las é de suma importância para o entendimento correto do processo em Porto Alegre/RS.

Figura 7: Logo da ONG Mulher em Construção (Porto Alegre)



“Nossa proposta de valor é de empoderar a mulher pela construção civil”

(Bia Kern, Idealizadora e Diretora da Mulher em Construção em palestra no Itaú Mulher Empreendedora, novembro de 2016).

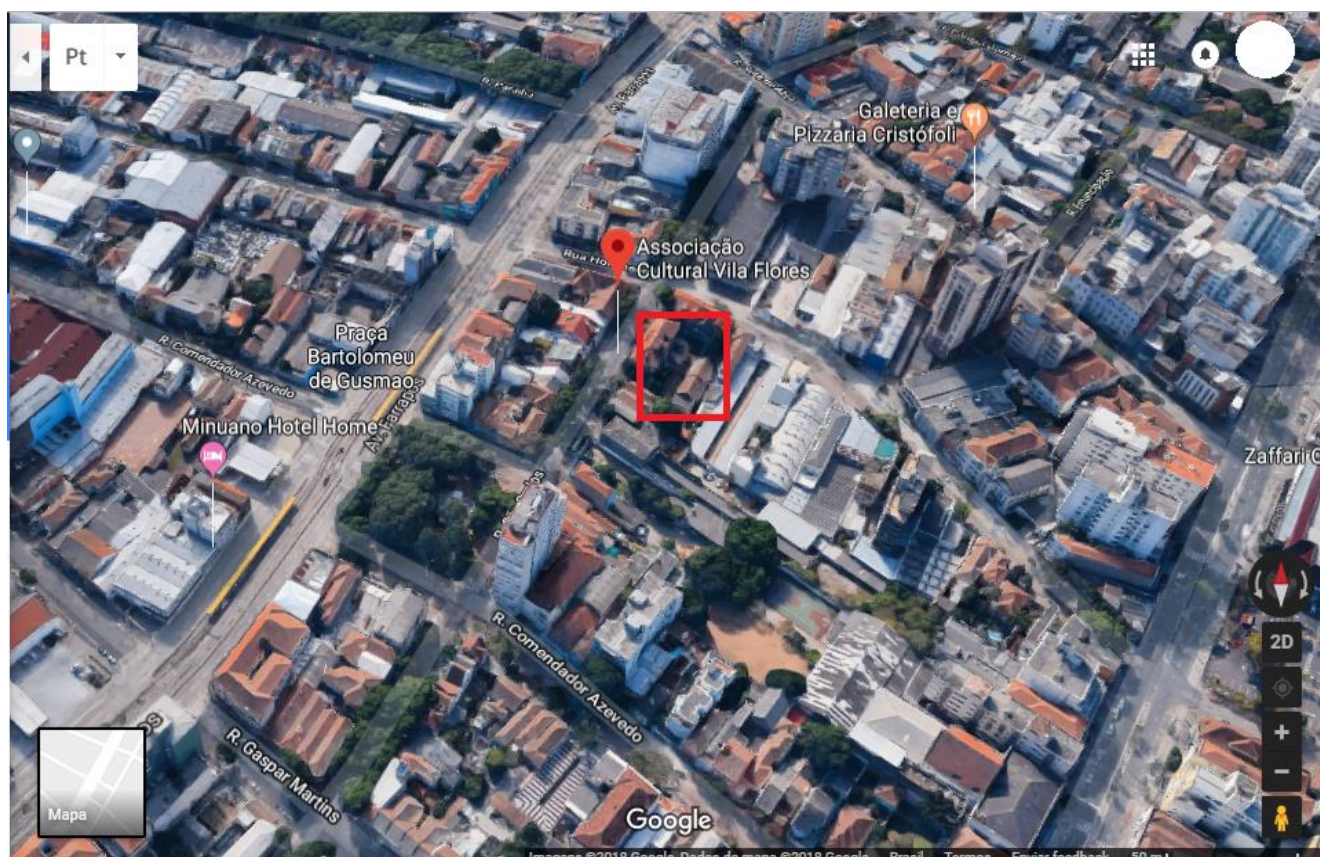
A ONG (Organização não governamental) Mulher em Construção, que não visa lucros, foi fundada no ano de 2006. A idealizadora e diretora Bia Kern buscou, ao longo desses anos, parcerias para manter a ONG funcionando, e hoje conta com financiadores internacionais. Em 2014, foi convidada pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, a fazer parte da

Clinton Global Initiative. Foi diretora executiva da Fundação da Mulher Gaúcha entre 1996 e 2003, indicada ao Prêmio CLAUDIA 2012 e ganhadora do Troféu Márcia Santana 2014, pela Secretaria de Políticas para as Mulheres do RS.

A ONG Mulher em Construção funciona com o objetivo de desenvolver cursos de qualificação para mulheres na área da construção civil, com intuito de promover “a autonomia, cidadania e empoderamento das mulheres, com foco em mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e de violência doméstica; inserir as mulheres no mercado de trabalho predominantemente masculino, contribuindo assim para a redução da desigualdade e da discriminação de gênero no trabalho.” (Mulher em Construção, 2018) Funciona com base em cursos gratuitos e cursos pagos, e já capacitou mais de 400 mulheres.

A ONG hoje tem como sede o espaço cultural Vila Flores. Essa parceria começou no ano de 2013, quando 98 mulheres da ONG trabalharam na reforma do Vila Flores durante a obra.

Figura 8: Localização Mulher em Construção



Fonte: Google maps, 2018



A ONG Mulher em Construção está inserida dentro da Associação cultural Vila Flores, situada no Bairro Floresta, conhecido como o 4º distrito de Porto Alegre. Localiza-se em uma região antes marginalizada e que tem sido revitalizada por iniciativas como a Vila Flores. Segundo o site<sup>10</sup> do espaço, o local abriga atividades socioculturais (coordenadas pela Associação Cultural Vila Flores), espaço de trabalho de artistas e empreendedores criativos, os residentes, entre eles o projeto Mulher em Construção e ambiente de aprendizado. O projeto arquitetônico, elaborado pela Goma Oficina, ainda conta com apartamentos para moradia temporária, loja, cafeteria e memorial. A ONG tem hoje sua sede junto ao espaço, e, também, já promoveu uma série de reparos no local, como pintura e manutenção de espaços de uso comum.

O presente estudo focou-se num projeto específico da ONG Mulher em Construção, o Cimento e Batom, que consiste em qualificar mulheres para a construção civil de forma gratuita. Para alcançar o objetivo traçado, foi assistida uma turma do curso de hidráulica promovido pela ONG, através de observação participante e da realização de entrevistas com as alunas.

No próximo tópico, iremos adentrar na parte empírica do estudo, na pesquisa realizada com o Projeto Mão na Massa no Rio de Janeiro, na Empresa Diosa e na ONG Mulher em Construção, ambas em Porto Alegre, buscando compreender os fenômenos estudados, atrelando o teórico e o descritivo ao campo selecionado, assim como realizar a análise dos dados coletados.

#### 4.2 PESQUISA EXPLORATÓRIA NO RIO DE JANEIRO: A TRANSFORMAÇÃO DE VIDA

O trabalho de campo iniciou-se no Rio de Janeiro/ RJ, onde se encontra o Projeto Mão na Massa. O projeto foi escolhido para a presente pesquisa por ser pioneiro no Brasil no seguimento de qualificação de mulheres para a construção civil. Durante o período de um mês foram coletados dados do projeto e estabelecidos contatos e entrevistas.

O Projeto Mão na Massa, no momento do campo, em junho de 2018, encontrava-se desativado. Com a saída de seu principal patrocinador, que interrompeu as doações devido à crise econômica, o projeto não conseguiu se manter durante muito tempo, pois o curso

---

<sup>10</sup> <https://vilaflores.wordpress.com/>

disponibilizava auxílio às aprendizes, como passagem, lanche e uma ajuda de custo mensal, de cerca de R\$200,00 reais, e atendia cerca de 80 mulheres por edição. Somente em outubro de 2018, o projeto voltou a funcionar, o que, na época do campo, parecia impossível, devido às dificuldades que estavam enfrentando para reabrir, situação que já durava cerca de três anos.

Mesmo nessas condições, a investigação do projeto continuou sendo importante para a pesquisa, pois o mesmo foi o pioneiro no Brasil e capacitou mais de 600 mulheres. Porém, foi inevitável que o trabalho de campo tenha ficado dificultado, foi preciso criar contatos e vínculos com participantes antigas para estabelecer uma linha de pesquisa. Inicialmente, através de ligações para o antigo local onde funcionava o projeto, a fim de obter informações, e, mais tarde, através de redes sociais e troca de e-mails. Tudo isso tomou boa parte do tempo que havia sido disponibilizado para a pesquisa de campo. As informações acima, de benefícios às aprendizes e número de mulheres participantes, foram disponibilizadas por telefone e por mulheres que conversaram de maneira informal com a pesquisadora.

Após essa primeira pesquisa exploratória, se teve acesso a uma mulher que participou do Mão na Massa e se mostrou disponível para a entrevista. Tivemos acesso a ela através da sua empresa, Concreto Rosa. A idealizadora da Concreto Rosa, empresa de reparos residenciais, gentilmente, respondeu a uma série de questões relacionadas ao Mão na Massa e ajudou, de certa forma, a dar a dimensão do que foi o projeto, e ainda ofereceu contatos para futuras entrevistas. Ao falar do Mão na Massa, a entrevistada apontou uma série de elementos que a análise inicial já induzia e também desmitificou alguns pontos.

Os métodos aplicados para essa etapa do estudo foram de entrevistas semiestruturadas, gravadas, com autorização da entrevistada e também levantamento de dados de maneira informal, visando o melhor aproveitamento do campo. A entrevista ocorreu no mês de junho do ano de 2018.

#### 4.2.1 O Projeto Mão na Massa

Partindo da fala da entrevistada podemos entender melhor como o projeto funcionava. Primeiramente, eram realizadas inscrições das mulheres interessadas e, após, havia uma entrevista individual com cada concorrente. Havia grande demanda e muitas ficavam de fora a cada edição como relata a entrevistada Geisa Garibaldi, ex-aluna do Mão na Massa e Fundadora do Concreto Rosa (2018):

Eram 70 vagas, e eu fui o número 402 na inscrição. Nossa... Foi uma procura bem grande, assim depois de mim ainda teve mais gente que se inscreveu... nesse mesmo dia, aí eu voltei no outro dia e me inscrevi... aí você passa por uma entrevista lá, aí que eu fiz a entrevista lá, com a mãe da ISIS, que é uma menina que também trabalha com obra. Aí eu fui fazer a entrevista... ela pergunta tudo... seu nome, é tipo um questionário “teteatete” tinha tipo 6 mulheres entrevistando para dar conta da demanda né... e aí, eu fui entrevistada por ela. E aí, eu falei tudo da minha vida, toda a minha trajetória... como eu cheguei lá e tudo... E aí você depois da inscrição tinha que ligar 3 dias depois... (...) se você tinha sido aprovada. Aí eu fui liguei: “Oi, tudo bem? tô ligando pra ver se eu fui aprovada... E aí a moça, infelizmente não, a demanda foi muito grande, e a gente não tem... Ai eu, tudo bem...” Ai, no outro dia eu liguei de novo:” Oi tudo bem? to ligando pra saber se teve alguma desistência... Aí ela, não... não tem”. Ai no outro dia eu liguei de novo... e de novo... e de novo (risadas) eu liguei, tipo umas 5, 6 vezes... todo dia eu ligava... Aí um belo dia... Eu ligava sempre assim: “Oi, boa tarde... a mina até já sabia que era eu... Oi, tudo bem?” (risadas) Aí um dia, Ela: Então (não deixou eu nem perguntar) Então, eu tava tentando te ligar, porque pintou uma desistência aqui, e você tem interesse em fazer o curso? começa amanhã.

A grande demanda de mulheres, para se candidatar ao curso, mostra um interesse além do comum com a área, e também demonstra o interesse dessas mulheres em buscar oportunidades para a melhora de suas vidas. O trecho acima relata como o processo de seleção ocorria dentro do Projeto Mão na Massa, com perguntas pessoais, procurando entender a trajetória das mulheres que ali chegam. Além disso, demonstra o interesse da entrevistada em aproveitar a oportunidade que estava sendo dada, insistindo para conseguir a vaga no curso. Esse primeiro ponto relatado vai ao encontro da mulher buscando sua independência, através de seu meio de sustento. A entrevistada Geisa Garibaldi também detalhou como funcionava o curso, que contava com aulas teóricas e práticas. Ressaltava a todo momento, sua identificação com o curso e a acolhida que o Projeto Mão na Massa proporcionou, como relata no seguinte trecho:

E aí, eu fui pro curso no outro dia, aí começou a saga, começou tudo... a primeira aula... que ali a gente, enfim, recebeu... todo o apoio lá dentro, informação, palestra não sei o que... e aí depois a gente foi para as aulas práticas que foi no SENAI/RJ, que eles tem uma parceria com o SENAI/RJ... e aí, começou, porque aí eu fui indo, fui indo, fui indo.. e eu falei: “cara, essa vaga é minha, e eu vou fazer isso, é isso que eu quero pra mim...”

No trecho acima, a entrevistada relata sua experiência em ser acolhida pelo Mão na Massa e a sua identificação com a área, sua satisfação com a maneira que o curso era conduzido,

com o tratamento respeitoso e carinhoso que as alunas recebiam, e principalmente, em como participar do curso mudou sua vida. A entrevistada em questão teve sua vida transformada pelos cursos realizados no projeto e como consequência conseguiu seguir na carreira da construção civil com a sua própria empresa no setor. Vemos em sua fala, o quanto o curso modificou a sua realidade:

Na verdade... foi uma das formas mais acessíveis que eu achei, você tipo, o curso era pra gente ferrada pra quem tava, cara, o pessoal não tem grana, não tem dinheiro da passagem... eles davam tudo... toda essa coisa, davam passagem, davam lanche... davam uma bolsa por mês de R\$200 reais, assim, uma ajuda de custo.. e eu achei isso muito incrível, porque eu achei cara, se eu fosse pagar um curso eu não tinha assim, pagar um curso, pagar aluguel, manter o “bacuri” sabe... não tenho grana. Aí eu achei a ideia fantástica! Só de tá ali, ter passagem, lanchinho pra gente já era ganho. Porque tipo... quem nada têm o que pinga soma, e aí, foi isso que rolou, e a busca por lá, foi muito disso, pela forma, eficaz deles de proporcionar isso... não era tipo, elas tem consciência que o valor não era tão grande, mas tipo... que assim, elas precisavam... tinha gente que não tinha grana para ir pro curso.. tinha mina que morava lá pra dentro de Nilópolis, Queimada... Nova Iguaçu, que era uma passagem intermunicipal, que aí pega trem... e aí isso tudo, o pessoal peitou... eu achei muito f\*.

Nesse relato, podemos ter uma breve dimensão da realidade das alunas dos cursos. A entrevistada conta que as mulheres vinham de origem simples e que não tinham condições nem para pagar a passagem para chegar até o local, que vinham de pontos muito distantes da cidade, às vezes, precisavam de mais de uma condução para chegar ao local, o que é muito comum na cidade do Rio de Janeiro, visto que é uma grande metrópole com várias cidades próximas ao redor da capital. Conta que o Projeto Mão na Massa agregava essas alunas e ajudava no custo com as passagens, assim como uma ajuda de R\$200,00 reais e um lanche fornecido entre as aulas.

A entrevistada participou de três cursos oferecidos pelo Mão na Massa, foram de: hidráulica, pintura e elétrica. Segundo ela, o curso não oferecia palestras relacionadas a empoderamento feminino. À disposição para frequentarem, havia aulas complementares, como Português, Inglês e uma aula que a entrevistada intitulou como “consciência humanista”, pois não lembrava ao certo seu nome. Nessas aulas, havia espaços para diálogos mais profundos como relata:



(...) Eram abordados alguns temas, por exemplo, teve uma aula que tinha que falar assim: “O que que você queria que tivesse no seu bairro, um exemplo né. O que você acha que seria importante, para você, sua comunidade?” E aí, eu desenhei uma clínica de aborto... né de aborto legal e seguro para as mulheres, aí foi muito, cara, essa aula eu nunca esqueci, porque foi um momento muito importante, e aí cada uma tinha que ir lá na frente defender seu projeto e dizer o porquê dele... e aí eu fui e expliquei. Falei que eu achava que meu ativismo, ele devia ser daqui para lá, da zona sul pra lá, porque eu colava mais para o lado de cá, que eu morava ali no centro, e aí eu percebi que não... que meu ativismo é de lá pra cá... porque a galera que eu tenho que colar, é a galera que tá na mesma pegada de dificuldade... que é a mulher negra, a mulher periférica... enfim, e aí essa aula eu pude falar de aborto de uma forma muito tranquila e as meninas ficaram, a princípio tipo... quando falou do tema... meio que arregalaram os olhos... aí eu expliquei... que né... só mulheres negras que morrem, expliquei a importância, que tem mulheres que são estupradas... e aí, sabe o que que é você olhar e todo mundo estar prestando atenção no que você está falando? todo mundo assim, tipo... caraca como eu não parei para pensar nisso? e eu fiquei... caraca que f\*. Aí essas coisas me motivavam mais ainda...”

No trecho acima, a entrevistada relata sua experiência ao falar sobre aborto em um espaço coletivo aberto para o diálogo em grupo. A ideia dessa aula era de cada uma falar o que queria no seu bairro e virou um grande momento de reflexão da entrevistada. Ela conta que as outras alunas ficaram impressionadas com a declaração dela. Também demonstra sua consciência, da situação privilegiada em que se encontrava perante as outras colegas, de conseguir, mesmo com muita dificuldade, morar em uma zona mais central da cidade, quando ressalta que seu ativismo deve ir “da zona sul pra lá”, assim como seu contato com o feminismo, quando fala abertamente sobre aborto legal e seguro. Além de ressaltar que são as mulheres negras que morrem tentando fazer aborto, não as mulheres brancas, da zona sul, que os realizam, em boas condições, pagando muito caro por isso. Conta que era preciso que aquelas mulheres estivessem atentas a esse direito, que também deveria pertencer a elas. A noção de empoderamento feminino da entrevistada após a participação nos cursos, muda, como descreve em vários trechos da entrevista:

Na verdade sim, o mão na massa me ajudou sim, claro, nossa o mão na massa foi tipo o ponto de partida, na verdade pra especializar né, tudo que eu tinha dentro de mim, de querer fazer, o mão na massa venho e falou assim: é possível... se não fosse eles eu não teria as ferramentas, o mão na massa me empoderou claro, foi tipo toma lá, eu confio em você.

Relata que os cursos, de certa forma, foram o que impulsionaram ela para sair de uma situação que não gostava, que era de trabalhar em uma pizzaria no shopping, para abrir sua própria empresa.

Não se pode generalizar e falar que o Projeto o Mão na Massa funciona fielmente como o relatado, somente com uma pesquisa exploratória, pois seria necessária uma inserção no universo do grupo para que as respostas obtidas passem a ser inferidas estatisticamente para melhor análise. A pesquisa realizada no Rio de Janeiro, serviu para o presente estudo como campo exploratório. Porém, quando vemos a vida da entrevistada mudada, temos expectativas que o Projeto Mão na Massa alcance mais mulheres em várias situações vulneráveis e auxiliadas no processo de mudança de suas realidades. A seguir, falaremos um pouco sobre a empresa que a entrevistada montou, no intuito de ver a perspectiva de uma mulher que conseguiu através da qualificação no Mão na Massa, chegar a uma autonomia financeira e gestão do seu próprio negócio.

#### 4.2.2 O concreto rosa

Então, não havia previsão de incluir a empresa Concreto Rosa neste estudo, porém ao entrevistar sua idealizadora, fica iminente que um pouco de sua história deva ser contada. Quando iniciamos a conversa, a entrevistada logo contou sobre o Concreto Rosa, falando que era seu maior motivo de orgulho, como mostra o relato a seguir, retirado do site<sup>11</sup> da empresa Concreto Rosa (2018):

O surgimento do Concreto Rosa veio através da minha visão de como era escassa a mão de obra feminina em serviços do dia a dia e como era caro a mão de obra e os serviços prestados por homens. Na busca de me colocar no mercado de trabalho e de fato não me identificar muito com o que fiz ao longo de minha vida, tive sem dúvidas a inspiração da minha mãe (in memoria) que sempre cuidou da nossa casa resolvendo todos os problemas nela existente, desde pequenos reparos a levantar uma casa na época de madeira, mais conhecida como barraco lá pros meados dos anos 80, eu que sempre gostei de trabalhos braçais tidos como “masculinos” decidi que iria criar algo diferente de tudo que já existe nesse ramo tão perverso e machista, decidi me especializar e fazer algo diferente e eis que surge a concreto rosa! Fui a número 400 de um curso que só oferecia 70 vagas, de cara não passei mais liguei pro curso dia após dia perguntando se tinha surgido uma vaga, e aconteceu fui contemplada com essa oportunidade e agarrei com unhas e dentes, fiz o curso e hoje me considero fazendo a coisa certa pelo motivo certo.

---

<sup>11</sup> <https://www.concretorosa.com.br/>

Tem amor e tem muito prazer no meu trabalho. A Concreto Rosa mudou minha visão de mundo!

A empresa foi fundada no ano de 2015, logo após sua idealizadora terminar a última edição do Projeto Mão na Massa, antes da volta das atividades em 2018. Ela conta que o curso a fomentou a sair de vez de um emprego em uma Pizzaria no shopping, para trabalhar por conta, em sua empresa de reparos. Começou sozinha e conta que a demanda era tanta que chamou mais uma amiga para ajudá-la a atender em folgas e nos finais de semana, até ter clientela suficiente para conseguir sair do emprego no shopping e viver somente da empresa.

A relação da entrevistada com a empresa, é um ponto relevante de sua fala, visto que essa se reflete na relação com seus clientes, e da mudança que é contratar mulheres para trabalhar em reparos em casa, como relata a entrevistada Geisa Garibaldi no seguinte trecho:

Costumo dizer que a nossa relação não é tipo eu chego na casa da pessoa e sei lá... não, a gente tem intimidade, em minutos de conversa ela sabe meu signo, eu sei o signo dela... a gente sabe se está bem na vida amorosa, se terminou o relacionamento... enfim, nome dos filhos, se tem se não tem... é uma relação muito íntima ( e a mulher, trabalhando com a mulher.. traz uma confiança muito maior, é muito comum assim... uma das coisas que eu acho muito f\*... o ápice da confiança é quando tu tá ali montando um móvel... e a mulher fala: vou tomar um banho rapidinho que daqui a pouco vou sair... aí tu fala que tá tudo bem... suave... quando que ela falaria isso para um homem desconhecido lá?

O exemplo acima, reflete muito o que as entrevistas seguintes irão mostrar, a oportunidade, o curso, o empoderamento, a confiança e a rede que se forma entre as mulheres, quando relata que “a mulher fala: vou ali tomar um banho”, mostra a confiança e segurança que as mulheres sentem em estar umas com as outras. Além disso, a entrevistada conta que a empresa se preocupa, e que as encoraja, com a mensagem de empoderamento feminino e de incentivo para as profissionais se especializarem, continuarem a estudar ou até de montarem seus próprios negócios, e ela deixa claro que ali são todos parceiros. A empresa Concreto Rosa é hoje uma das poucas no Rio de Janeiro no seguimento de reparos domésticos com mulheres à frente.

Em Porto Alegre, temos uma empresa que segue uma linha de atuação similar à do Concreto Rosa, a Diosa, que funciona de forma um pouco diferente, mas que também tem como

foco o empoderamento feminino e a mulher à frente do trabalho na construção civil. No próximo tópico, exploraremos o trabalho da Diosa, e exporemos a entrevista com a diretora executiva da empresa.

#### 4.3 INSERÇÃO DAS MULHERES NA CONSTRUÇÃO CIVIL EM PORTO ALEGRE: EMPRESA DIOSA

A Diosa é uma das poucas empresas em Porto Alegre que trabalha somente com profissionais mulheres da construção civil. Funciona com base na divulgação da mão de obra feminina, em serviços de manutenção, em residências e reformas, também atua facilitando a divulgação da profissional da área da construção civil, para que ela encontre demandas para o seu trabalho. Para entender melhor como funciona a Diosa e sua história, foi realizada uma entrevista semiestruturada, gravada com autorização, com a Diretora Executiva e fundadora da Diosa. A entrevista ocorreu no mês de novembro de 2018.

A ideia da Diosa surgiu com uma demanda da Diretora como cliente, e não como profissional da área da construção como relata a entrevistada Maira Prestes (2018), diretora executiva da empresa Diosa:

(..) tava trabalhando em um escritório de imigração, trabalhando com lei internacional, enfim... nada relacionado, mas eu tava me educando sobre feminismo, então eu nunca tive muito contato com o feminismo na faculdade, mas depois que eu saí da faculdade eu comecei a me educar... online assim, pesquisar e ler muito, então eu comecei a me envolver muito em interesse de discussões de gênero e daí nessa época eu tava morando com dois amigos na cidade baixa e eu tava precisando de um serviço e aconteceu um problema na casa do meu pai também, meu pai não tava morando no Brasil e daí eu tive que resolver todo o problema, que voou o telhado, então foi uma época que eu tive que me envolver muito com consertos e daí nessa época eu lembro que tava no facebook, estava meio entediante no escritório e daí eu vi uma página de uma guria em São Paulo que ela presta serviços e ela publicou uma página a tipo “ah gurias eu tô oferecendo serviço de conserto” daí eu olhei assim.. nossa tem uma guria que faz isso que afu\*! Seria muito bom se tivesse em Porto Alegre.

Como relatado, a ideia de fundar a empresa Diosa, surgiu para a entrevistada, a partir de pesquisas na internet, tanto relacionadas ao feminismo e à mulher no mercado da construção civil, quanto na falta de demanda para esse serviço realizado por mulheres. Vendo essa lacuna

no mercado, em outubro de 2015, a entrevistada fundou a Diosa com outras mulheres, que já não participam da empresa. Hoje, a empresa é formada por ela, e mais duas sócias. A entrevistada diz que, em conversas informais, sempre perguntava se as pessoas tinham interesse em contratar mulheres para fazer reparos, e a resposta era sempre positiva. No início a Diosa foi incubada pela Universidade Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) por um ano. Depois a empresa foi incubada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e, hoje, a empresa é incubada pela Artemisia, que é uma organização sem fins lucrativos, pioneira na disseminação e no fomento de negócios de impacto social no Brasil, localizada em São Paulo. Também fez parte do desenvolvimento da empresa, em 2017, a obtenção de um prêmio do governo dos Estados Unidos, como relata Maira Prestes (2018):

O governo dos Estados Unidos investiu na gente, do programa que o Obama criou, eles selecionam empreendedores da América Latina e do Caribe inteiro, assim... são 250 empreendedores de toda América Latina e Caribe, no Brasil foram 20, daí 250 por ano, aí tu vai pra lá passa um mês lá sendo incubada por uma empresa que é parecida com a tua, pra ti aprender sobre os processos daquela empresa, pra tu aplicar na tua aqui, é um processo de aprender na prática, aí depois no final desse mês tu participa de uma competição de “PIT” entre todos os participantes, e eu ganhei 2º lugar.. daí a gente ganhou esse prêmio de \$5.000.

A experiência da entrevistada, ao participar do programa estadunidense e ser incubada por uma empresa que visava a satisfação do cliente, contribuiu fortemente em uma das marcas da Diosa que é “uma empresa que presta serviço, mas também garante a qualidade e a segurança do cliente”. (Maira Prestes, Diretora Executiva e fundadora da Diosa, 2018). A fundadora, durante a entrevista, ressalta, a todo momento, a importância desse aperfeiçoamento para o trabalho da Diosa e também a preocupação com a profissional que trabalha na empresa prestando serviços “a gente tá sempre desenvolvendo a plataforma, pensando em jeitos de melhorar para ser sustentável para gente e pra elas também, então é um trabalho muito gratificante.” (Maira Prestes, Diretora Executiva e fundadora da Diosa, 2018) Hoje, a empresa conta com cerca de 70 profissionais cadastradas na plataforma online, todas mulheres, que chegaram à Diosa por diferentes meios, algumas tentando trabalhar sozinhas e não conseguindo promover seus serviços, outras vindo de cursos como os oferecidos pela ONG Mulher em Construção e querendo se inserir no mercado de trabalho.

Quanto à divulgação do trabalho das profissionais da Diosa, é tudo realizado online, através do site, além de muita divulgação pelas redes sociais. Há também a divulgação para as profissionais chegarem à Diosa, como prestadoras, no próprio site existe uma aba “seja prestadora” para as profissionais se cadastrarem. Segundo a entrevistada Maira Prestes (2018), no início eram realizados grandes encontros para as profissionais se cadastrarem e serem entrevistadas, hoje elas desenvolveram um serviço mais personalizado:

(...) a gente começou a fazer reunião de 1 hora, que daí a gente consegue dar toda orientação, sentar do lado dela, explicar especificamente, tirar todas as dúvidas, aí funcionou muito melhor, então elas se cadastram no nosso site, a gente marca uma reunião presencial, a gente explica todos os valores da Diosa, tudo que elas têm que cumprir para prestar serviços através do Diosa, damos as regras, elas assinam um contrato de compromisso de qualidade, daí elas nos passam todas as informações delas, até legais, se tiver algum problema.. então tem todo um negócio para que elas sintam que é uma coisa séria. isso a partir do momento que elas fazem o cadastro a gente dá o material para iniciar, camiseta, bota, que a gente pede que elas utilizem as camisetas da Diosa para prestar serviços. Aí a gente começa a indicar trabalho, depende do nível de conhecimento técnico delas, a gente manda elas para serviços sozinhas, ou para os mais complexos, ou se a gente tem mais um pouquinho de desconfiança em como elas estão lidando bem no trabalho, mandamos para serviços menores, com acompanhamento.

O trabalho é encaminhado para as profissionais na medida de suas qualidades técnicas e também na medida das suas condições psicológicas. A Diosa dá todo amparo para as prestadoras, desde psicólogas, advogadas, encaminhamento para serviço social, e lida como todo tipo de problema, como alcoolismo, drogas, e preza trabalhar em um regime de não exclusão, ou seja, a Diosa tenta ao máximo ajudar aquela mulher que ali chega, para que ela possa se reerguer e trabalhar. Hoje, a empresa está desenvolvendo uma parceria com uma Universidade para oferecer bolsas de estudos para as profissionais que se interessarem em ingressar no ensino superior. No relato a seguir, a entrevistada Maira Prestes (2018) conta a história de uma profissional que ficou sem trabalhar por não conseguir serviços e que foi recolocada no mercado pela Diosa:

A gente resgatou agora uma profissional que ela tava um tempão, ela é uma excelente profissional, eu conheci ela em um evento da mulher em construção, ela é uma excelente profissional mas ela tava trabalhando em uma construtora ganhando R\$1,200 reais por mês pra trabalhar sabe... trabalhando muito e ganhando nada... e não tava conseguindo serviço por fora porque ela não sabe se divulgar... e daí eu liguei pra ela “olha só a gente precisa de alguém pra

fazer piso, tu tem disponibilidade?” ai ela me explicou toda a história dela... e disse olha, como eu não tava conseguindo serviço eu meio que abandonei a área, eu to trabalhando de secretaria em um escola agora... daí eu falei... olha só eu sei da tua qualidade de trabalho e eu te juro que se tu começar a trabalhar com a gente tu vai ganhar uma média de R\$4,000 reais por mês, a gente precisa de profissionais que nem tu, se tu confiar na gente e vice versa a tua vida vai mudar muito... e a gente tá resgatando ela agora.. ela ta pegando serviço todo final de semana e ela ganha 1000 pila por fim de semana, além do salário... ela tem tipo 10 filhos, ela sabe... É a mulher que sofre ou a violência psicológica, ou a física, a mulher chefe de família.

O perfil das profissionais relatado é o da mulher que se sujeita ou a qualquer emprego, por precisar se sustentar, ser “chefe de família”, ou a que está aprisionada em casa pelo marido, ou outro alguém que a oprime, ou a profissional que simplesmente não confia em sua capacidade para executar o serviço. Nesse sentido, a Diosa prioriza o empoderamento dessa mulher e a estimula a sair de situações de violência, opressão e também a estimular a mulher a trabalhar na área. A mulher ingressa no processo de empoderamento por meio do trabalho de acolhimento e inserção desenvolvido pela Diosa, não só pelo slogan, mas em atitudes práticas que mudam a vida dela que entra em contato com esse novo mundo. Também cabe ressaltar que hoje a Diosa só não assume mais demandas de clientes por falta de profissionais, ou seja, o mercado está aí, aberto para essas mulheres. Iniciativas como a Diosa vêm para que a mulher se sinta pronta para adentrar nesse novo mercado, para que se sinta empoderada através do seu trabalho, da confiança depositada nela, e da geração da sua renda.

O empoderamento das mulheres através da ligação com a Diosa e sua rede de apoio e suporte, fica claro. Muitas vezes, a mulher, que chega ali debilitada e precisando de apoio psicológico, social e profissional, encontra uma saída para situações de opressão e aprisionamento. A importância do contato com o grupo fica mais clara ao longo do estudo, as histórias das mulheres se repetem, e também as dificuldades e as angústias, porém ao encontrar a empresa Diosa que lhes dá um suporte, vemos as mulheres se tornarem mais empoderadas e donas de suas vidas através da qualificação e geração da sua própria renda.

A mulher ocupa o âmbito público, ela ocupa um lugar que durante muito tempo não era visto como seu lugar socialmente, quando falamos em construção civil, todos os aspectos se intensificam. O trabalho em si nunca foi visto como algo para mulher e hoje vemos cada vez mais mulheres trabalhando no segmento e a demanda por essas profissionais cresce. Nesse intuito, vamos adentrar no estudo realizado na ONG Mulher em Construção, que qualifica a

grande maioria de mulheres da região metropolitana de Porto Alegre, inclusive as que trabalham em parceria com a Diosa. Veremos que, mais uma vez, as falas das mulheres entrevistadas reforçam essas transformações individuais, e também a transformação social que esses lugares vêm trazendo.

#### 4.4 AS MULHERES COM A MÃO NA MASSA: ONG MULHER EM CONSTRUÇÃO

A ONG mulher em construção é hoje a única que qualifica somente mulheres para a construção civil em Porto Alegre. Como já dito, seu trabalho tem mais de 10 anos e conta com uma enorme gama de colaboradoras. A ONG oferece cursos nos mais diversos segmentos da área: pedreiras, pintoras, azulejistas, ceramistas, eletricista e hidráulica.

Na primeira etapa da pesquisa, foi entrevistada a vice-diretora da ONG Mulher em Construção, ela gentilmente contou sua história e a da ONG, a entrevista ocorreu no mês de novembro de 2018 e foi gravada com autorização da entrevistada. A história do surgimento do curso se repete, um curso oferecido para poucas vagas e que teve uma procura enorme, 20 vagas oferecidas e mais de 300 mulheres interessadas, assim como o Projeto Mão na Massa, antes citado aqui. Sobre surgimento a vice-diretora Fátima Wilhelm (2018) relata:

O Mulher em Construção começou em 2006, um projeto desenvolvido, criado pela nossa diretora, e vem desde lá, começou bem pequenininho, com um curso assim de... 25 vagas para mulheres na área da pintura, ela buscou parcerias lá na cidade de Canoas, com empresas de construção civil, aí uma empresa lá adotou a ideia, junto com as tintas RENNERT, aí as mulheres foram para lá, para a fazer o curso, daí das 25 vagas, apareceram 300 mulheres interessadas... é de todos os níveis cultural e social, aí foi feito isso primeiro.”

A história em si da vice-diretora da ONG Mulher em Construção mostra um pouco do que esperar das entrevistadas, ela conta que também iniciou na ONG através dos cursos oferecidos, que seu interesse veio em primeiro lugar por um curso de pintura e que, só depois, com a convivência com o grupo, quis se tornar parte dele, trabalhando como multiplicadora, como relata a seguir:

Em 2010 houve outra oportunidade e eu fiz o curso de pintura desde daí comecei a caminhar dentro da ONG, ajudando... sendo voluntária... enfim, ajudando nessa articulação das mulheres... oficina... enfim... e aos poucos eu fui ajudando, monitorando nos cursos técnicos, junto com os professores



também, mas daí também chegou em um determinado momento que a nossa vontade era que formasse mulheres para dar aulas para as mulheres, e aí então a gente conseguiu um apoio, daí foi feito o curso para 15 instrutoras, daí dessas 15.. umas não conseguiram porque cada uma tem sua vida né... umas são profissionais liberais, trabalham por conta e as vezes não encaixam... e agora, em questão de 2 anos atrás foi formada outra turma, que é a turma que hoje nós estamos por aí, viajando, indo para as cidades, dando oficina para as mulheres.. .enfim... muito legal... muito bom!

A atual vice-diretora entrou na ONG como aluna, mais tarde, com sua vontade de ir além naquele universo que a atraía começou a dar ideias, até que surgiu a primeira turma de instrutoras, o curso antes só contava com professores homens, então, a entrevistada conta que começou a se especializar e hoje atua dando aulas para as alunas novas. A vice-diretora Fátima Wilhelm conta que o Mulher em Construção também mudou a vida dela, esse ano ela realizou sua primeira viagem internacional para representar a ONG na Conferência Internacional “Making NTL work for themarginalized” na Índia. Ao falar sobre o processo de empoderamento feminino que a ONG promove, Fátima Wilhelm ressalta a importância de ensinar essa nova profissional a atuar no mercado de trabalho, além de promover ajuda psicológica e social. E relata a seguir:

Com certeza, a partir da sua própria profissionalização, já está trabalhando o empoderamento dessa mulher profissional, mas a gente também trabalha o empreendedorismo, o lado emocional, psicológico, enfim. Todas as direções possíveis para que elas se resgatem, se reconstruam, porque o mulher em construção ela não só constrói, faz a construção física da mão de obra, como ela também reconstrói as mulheres, as mulheres estão sempre se reconstruindo, porque a gente trabalha, nosso foco principal, são as mulheres em vulnerabilidade social, e nesse foco, elas vem muito abaladas, elas chegam com o emocional muito abalado pra nós, a gente tem, tem psicólogo, tem toda, tem assistente social, que acompanha, todo o processo pra que ela saia dali, daquele momento, ou seja, um curso longo ou um curso de menos horas, mas que elas possam sair dali fortalecidas. Né, então isso aí é muito legal...”

Visto o relato, é evidente como as mulheres saem fortalecidas e renovadas dos cursos, do contato com a ONG, a qual atua com intuito de mostrar para essa mulher que está estudando, que ela pode fazer aquele serviço, pode sair de uma situação de violência, pode trabalhar e ter seu próprio dinheiro. A ONG Mulher em Construção se mostra a todo momento preocupada com a mulher que ali chega, é visível o cuidado, e o amparo. Por fim, Fátima Wilhelm ao falar

sobre o acompanhamento das mulheres que é feito antes, durante e após os cursos, mostra o preparo da ONG para lidar com essas mulheres.

A gente tem o monitoramento, que é um programa que a gente tem, que a ONG foi implantada para nós e tem esse monitoramento. Quando elas chegam já faz uma ficha de entrada, elas tem uma ficha de meio de caminhada e uma ficha no final do curso, aí depois que elas estão dentro desse processo, dentro desse programa, o monitoramento é saber se ela tá trabalhando, se ela não tá trabalhando, porque ela deixou de trabalhar, qual foi a dificuldade... enfim.. até uma das grandes dificuldades de ela sair sozinha para procurar o emprego, na obra, que tem muito preconceito, agora a gente já tá mudando um pouco isso aí. a gente tem uma grande empreiteira que está absorvendo mão-de- obra feminina e tá nos chamando para dar o curso dentro da obra. Então isso aí é uma coisa muito bacana.

A ONG se preocupa se essa mulher vai realmente conseguir entrar no mercado de trabalho e se a sua realidade social vai ser mudada, o acompanhamento é feito por psicólogos e por assistentes sociais também. As parcerias públicas e privadas sempre foram o grande incentivo da Mulher em Construção, que, enquanto ONG, desenvolve cursos completos, com material, lanche e, em alguns casos, ressarcem despesas com passagem para as alunas se deslocarem, não poderia ser diferente. Atualmente, conta com incentivos de empresas internacionais como a Symphasis e a The Womanity Foundation, empresas que investem na formação de mulheres ao redor do mundo, também conta com a parceria de uma empresa brasileira de construção civil, que disponibiliza vagas para mulheres no canteiro de obras.

A ONG tem dois segmentos de cursos, o Criadoras na Obra, que é um curso pago, realizado em sua maioria por mulheres engenheiras, que visa especializá-las. E o curso Cimento e Batom, que funciona de maneira gratuita e que é oferecido a mulheres em situação de vulnerabilidade social, este será nosso foco de estudo. A entrevistada Fátima Wilhelm fala um pouco sobre como o projeto iniciou:

O cimento e batom começou em 2000 e alguma coisa... 2015... 2012, não vou... olha eu não sei te dizer exatamente a data... mas então a gente começou o cimento e batom no vila flores que foi um cimento e batom desenvolvido por 80... 89 mulheres, que a gente teve apoio da Womanity, que é uma ONG internacional América e da Brasil Fundantion.

O Cimento e Batom é realizado de forma gratuita para as alunas, e as oficinas acontecem em áreas que necessitam reparos. A ideia é as mulheres realizarem a especialização e colocarem a mão na massa no mesmo lugar, deixando ali um legado, como é o caso da Associação Cultural Vila Flores, onde está localizada a sede da ONG, e onde já foram realizadas uma série de oficinas que ajudaram na reforma do local. Após os cursos, segundo dados da ONG, indicados pela diretora, 40% das mulheres recebem proposta de trabalho antes mesmo de terminarem os cursos, 32% saem empregadas em regime formal de trabalho e 28% de forma autônoma. Ao todo, a ONG já ofereceu 11 oficinas de pequenos reparos e 5 cursos, capacitando mais de 3960 mulheres.<sup>12</sup>

Para adentrar mais na questão da ONG Mulher em Construção foi realizado acompanhamento das aulas do curso de Hidráulica- Cimento e Batom, durante cerca de um mês, com realização de entrevistas e de observação participante. No próximo tópico, será explicado como foi realizada a pesquisa e quais os resultados apontados.

#### 4.5 CIMENTO E BATOM – CURSO DE HIDRÁULICA NO ASSENTAMENTO 20 DE NOVEMBRO

O projeto Cimento e Batom é o principal investimento da ONG Mulher em Construção, trata-se de um curso gratuito que tem como foco a qualificação profissional de mulheres, o empoderamento feminino e a inserção no mercado de trabalho. A ONG se preocupa também em acompanhar as mulheres em suas vidas cotidianas, auxiliando em conflitos pessoais com acompanhamento psicológico e de serviço social. A ONG, ao longo dos cursos, realiza questionários de início, meio e fim, com o intuito de saber como aquela mulher encontrou o curso, se está tendo dificuldade e se está pronta para o mercado de trabalho. Quando nos deparamos com tudo isso, informado em um site, a primeira reação é muito positiva, vemos ações de melhoria social para as mulheres se tornarem profissionais reais, porém não se imagina tudo que envolve esse universo e como ele é constituído. Ao acompanhar o curso de hidráulica durante um mês, seguindo as aulas e instrutoras a todos os locais, pude, então, entender como todo esse trabalho vai além do que podemos assimilar em apenas uma página online.

---

<sup>12</sup> <http://www.mulheremconstrucao.org.br/sobre>

#### 4.5.1 O local

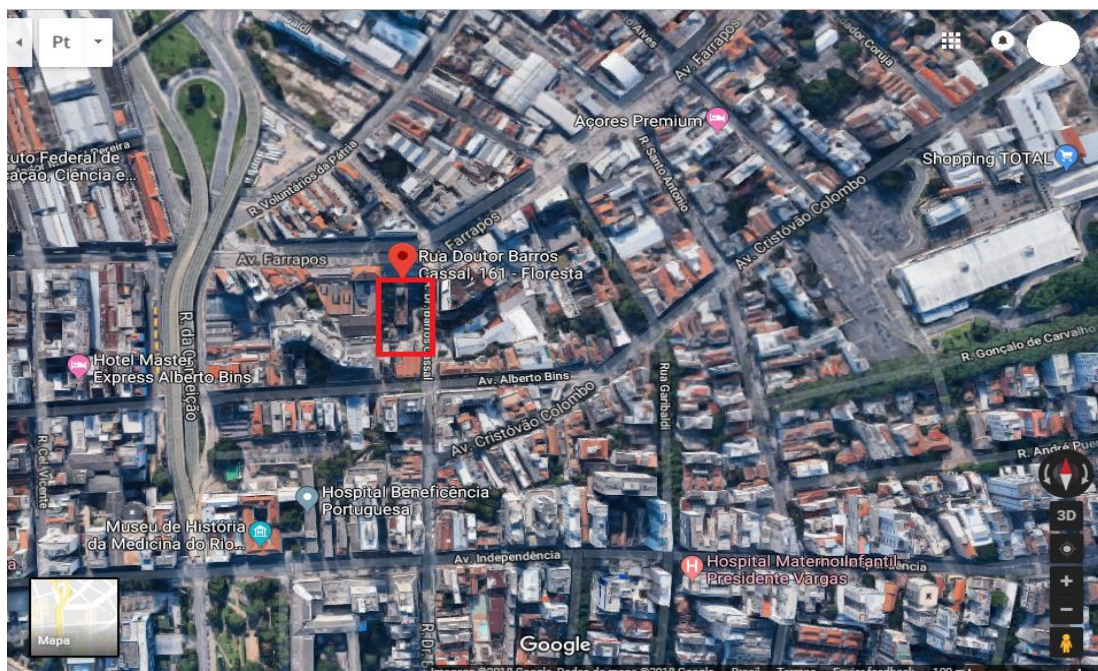
Figura 8: Entrada Assentamento 20 de Novembro



Fonte: Página do Facebook Mulher em Construção, 2018.

Um primeiro ponto relevante para a análise, e que mostra o impacto social da ONG Mulheres em Construção, é que o curso de hidráulica, cujas aulas foram acompanhadas, intercorreu em um espaço cedido no Assentamento 20 de Novembro em Porto Alegre.

Figura 9: Localização Assentamento 20 de Novembro





Fonte: Google maps, 2018.

O prédio fica localizado na rua Dr. Barros Cassal, nº 161, no bairro Floresta, o local foi durante muitos anos somente um prédio federal abandonado e hoje abriga 17 famílias, está em uma região próxima ao espaço cultural Vila Flores, no chamado 4º distrito de Porto Alegre, que faz parte de uma região antes marginalizada, e que, embora seja um espaço disputado, por estar próximo ao centro de Porto Alegre, tem sido considerado um espaço de revitalização da cidade. Inclusive, esse fator, de ser perto do centro, mesmo sendo um prédio abandonado e em condições precárias, no início, fez com que a conquista desse espaço tenha demorado muitos anos para a Cooperativa 20 de novembro. O Assentamento 20 de Novembro faz parte do Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), que tem como objetivo dar moradia digna para todos. Hoje, o Assentamento, tem um projeto de renovação financiado pela Caixa Econômica Federal, através do programa Minha Casa Minha Vida, sob gestão da Cooperativa 20 de Novembro.

Figura 10: Fachada atual do Assentamento 20 de Novembro



Fonte: Google imagens, 2018.

A estimativa é de que quando a renovação do prédio for concluída, ele seja ocupado por cerca de 40 famílias de baixa renda, além de haver um projeto de renovação da área onde está localizado. O projeto visa oferecer para a comunidade espaços para geração de renda através do trabalho solidário, espaço cultural, espaços de formação, cozinha comunitária, salão de festas, pracinha, biblioteca e ciranda para as crianças.

Figura 11: Projeto para o Assentamento 20 de Novembro



Fonte: Google imagens, 2018.

A escolha do local para realização do curso foi o Assentamento, porque a área necessitava de uma cozinha e um banheiro onde as pessoas que estão encarregadas da obra do prédio pudessem ter o mínimo conforto, então, ao final do curso a turma de hidráulica deixou a instalação pronta para a obra seguir. A obra de revitalização começou quase de imediato ao término do curso. Durante o curso, as famílias já estavam se mudando para deixar o prédio livre para as obras. A ONG Mulher em Construção se preocupa em atuar em espaços onde possa se deixar um legado, a parceria com o Assentamento 20 de Novembro, assim como com o Vila Flores, mostra a preocupação em oferecer um trabalho completo para a sociedade, deixando um espaço que pode ser usado pela comunidade que ali reside.

No próximo tópico, será relatada a observação participante e, com isso, iremos mostrar nuances sociais da ONG, do curso, do contato com a comunidade do Assentamento, e relatar as impressões e dados coletados em campo.

#### 4.5.2 O curso de hidráulica

Foi em um dia de muito calor e pouco vento que o campo iniciou. Ao chegar ao Assentamento 20 de Novembro, tudo era novidade, tanto para mim quanto para as mulheres

que ali se encontravam. Quando cheguei, ninguém estava me esperando como tinha combinado pelo Facebook com algum representante da ONG Mulher em Construção, mesmo assim, fui muito bem recebida e, logo, todas me conheciam. Fomos criando laços e fui conhecendo suas histórias. Cheguei em meio a uma aula teórica complicada envolvendo muita Física e cálculos, as meninas atentas ao professor. Em seguida, veio o horário do café, momento que se tornou um lugar de trocas, muita conversa, vieram falar comigo entusiasmadas, e me senti acolhida.

A observação participante foi realizada nos meses de novembro e dezembro do ano de 2018, o curso acontecia todas as sextas e sábados. No segundo dia de curso, no sábado, iniciou-se a parte prática. Foi montado um cômodo e ali as alunas iriam aprender a fazer a instalação hidráulica de um banheiro. Ao longo das explicações do professor, muitas das participantes traziam exemplos de casa, como “Meu marido fez assim...” geralmente de forma errada, e ali no curso aprendiam a forma correta, muitas diziam que iam ensinar aos maridos/ cunhados/ irmãos, que, às vezes, trabalhavam no ramo. Foi um dia muito chuvoso e, como o local era improvisado, chovia muito na parte de dentro também, mas nada abalou a confiança delas, logo começaram a juntar a água que se acumulava no chão e segurar a calha que insistia em molhar tudo. Observei que o grupo não estava disposto a parar por nada, não havia reclamações, somente muito trabalho e umas boas risadas. A turma foi dividida em grupos de cerca de 4 mulheres por cômodo improvisado para aula. A turma era de 15 mulheres, nem todas conseguiam estar presente em todos os finais de semana. O conteúdo da aula, naquele sábado, era sobre instalação de água fria. Durante a aula, as mulheres relataram experiências anteriores, como esquentar o cano para encaixar, o que é erradíssimo, segundo o professor, e algumas alunas, mais experientes com obra, brincavam: “Não... ninguém aqui nunca fez isso.” Naquele dia, o professor falava sobre comportamento na obra, como não usar fones de ouvidos para evitar acidentes, além de dar muita atenção aos equipamentos de proteção. O clima era sempre amigável e feliz, ali elas se realizavam, era fácil sentir. Estavam muito curiosas com a minha presença naquele segundo dia, fizeram muitas perguntas sobre o que é ser socióloga e o que eu fazia ali.

Figura 12: Local para a simulação da montagem de canos de banheiro



Fonte: Foto da autora, 2018

A foto acima mostra como era a montagem para aulas práticas, os “cômodos” em que as alunas trabalhavam para a instalação de um banheiro. Após a instalação completa no simulador, a turma realizou a montagem do encanamento no local do Assentamento 20 de Novembro dando início às obras do banheiro e da cozinha, que viria a funcionar para atender as necessidades básicas do pessoal da obra de restauração do prédio.

O curso foi todo financiado por uma empresa sueca, que pagava o material para a obra e as apostilas, além do professor, que segundo as coordenadoras da ONG, alunas era a parte mais cara. O professor era notavelmente muito querido pelo grupo, ele acompanha a ONG há cerca de oito anos e tem uma metodologia totalmente adaptada àquele público, é muito atencioso e didático, cria um ambiente em que as alunas ficam à vontade para perguntar e aprender, sem hierarquias de poder ou de conhecimento. A ONG vem implementando, nos



últimos anos, um curso somente para mulheres, para formação de instrutoras/professoras, esse curso é disponibilizado às ex-alunas que têm interesse em ingressar na ONG como colaboradoras fixas, com objetivo de repassar seus conhecimentos. Hoje, alguns cursos fornecidos pela ONG já contam apenas com ex-alunas ministrando as aulas.

O grupo de mulheres do curso de hidráulica, que acompanhei, era muito diversificado, havia mulheres da faixa etária de 18 a 55 anos, além de uma menina do assentamento, com cerca de 8 anos, que acompanhava tudo nos horários em que não tinha aula. Era a bagunça da turma, só ouvíamos “Margarida<sup>13</sup> vamos devagarinho, deixa as meninas cortarem esse cano...” era muito bem acolhida e trazia leveza ao ambiente. No final de semana seguinte, comecei a conhecer melhor a dinâmica do curso. Logo cedo, na sexta-feira, um empresário da construção chegou lá, queria contratar mão de obra feminina para trabalhar em um aplicativo no estilo “marido de aluguel”, as meninas não se interessaram muito, ali vi algo muito importante que a ONG proporciona quanto ao mercado de trabalho, as mulheres, alunas do curso, não estavam tão interessadas na proposta do empresário, porque sabiam que a porcentagem que o empresário queria pagar era muito baixa, quando comparada ao trabalho como autônoma, além de criar um regime em que “imprevistos” nas obras eram divididos entre empresário e colaboradora. As mulheres da ONG Mulher em Construção estão sempre atentas para não caírem em empregos “ciladas”, elas dão consultoria para ver se aquela oferta é boa ou não, pois a maioria das mulheres que frequentam o curso vem de origem humilde e alguns empresários tentam se aproveitar disso. Ao longo do curso, vi que visitas eram comuns, estudantes, empresários procuravam o curso para contratar as mulheres. Em um momento em que a diretora da ONG estava presente, ela fez uma fala que mostrou bem o intuito da ONG: “Não é vir aqui e aí as mulheres de rosinha... nós queremos trabalhar, mas com dignidade e salário justo. Aqui elas podem, elas sim!”

Com o passar do tempo, a minha presença ali se tornou “normal” e as meninas conversavam muito comigo, fora as entrevistas, falavam de universidade, vestibular, estudar. As histórias eram muito diversas, mas ali elas encontravam esse ponto em comum, o do sonho, o do empoderamento. Falavam muito em montar grupos de trabalho e abrirem suas próprias empresas, além da ideia de criarem uma espécie de cooperativa, onde iriam trabalhar umas nas casas das outras fazendo reparos de forma conjunta e gratuita. A ideia de trabalhar na ONG Mulher em Construção no futuro também era um desejo comum, queriam ser multiplicadoras,

---

<sup>13</sup> Nome fictício.

ajudar nos cursos, ser instrutoras. Falavam muito da insegurança em ir trabalhar sozinha, em não saber fazer, em dar algum imprevisto na hora, mas comentavam que o curso, e toda aquela interação as ajudava a confiar nas suas capacidades para resolverem problemas pertinentes aos estudos. O professor e mesmo o grupo de aprendizes repetiam muito umas às outras: podemos fazer, somos capazes, e então presenciei como este otimismo influenciava proporcionalmente a autoestima daquelas mulheres.

Um assunto muito corrente, também, era a dificuldade de competir no mercado da construção, reclamavam da falta de oportunidades às mulheres, ou queixavam-se da estrutura do local de trabalho, como, por exemplo, não ter banheiro para mulheres ou que as grandes construtoras diziam que era um ambiente inseguro para as mulheres. Pelo relatado, era no sentido de assédios dentro do canteiro de obras. Mesmo com tudo isso, uma grande empresa estava trabalhando em parceria com a ONG, dando formação para as mulheres dentro do canteiro de obras, e pude, inclusive, presenciar a visita de uma empresa no curso de hidráulica, propondo contratação após formatura daquela turma. As alunas foram muito receptivas, visto que o salário oferecido era condizente com as ofertas do mercado e que no local da obra havia espaços específicos, banheiros e vestiários para mulheres. Ao final do curso, duas participantes do curso de hidráulica foram contratadas por essa empresa.

Mesmo com essa oportunidade, a ONG estimulava o empreendedorismo das mulheres, sugeria que tivessem suas próprias pequenas empresas, e trabalhassem como autônomas, incentivavam o trabalho em grupo, sugeriam que os laços criados ali poderiam revelar uma equipe de boas profissionais. Ao final do curso, no último dia de aula, uma professora parceira da ONG, que atuava no SEBRAI, realizou uma palestra sobre empreendedorismo e sobre o MEI (Microempreendedor Individual). O MEI é para pessoas que têm interesse em ser um pequeno empresário individual, é um programa do governo federal que possibilita, com o pagamento de uma pequena taxa mensal, aposentadoria, auxílio doença, maternidade, emissão de nota fiscal e abertura de conta bancária empresarial. Inclusive a professora disponibilizou material bem detalhado para as alunas aprenderem sobre o que é ser um microempreendedor. Os materiais foram distribuídos em aula, e eram esclarecedores e bem explicativos. Segue abaixo os dois materiais:

Figura 13: Material disponibilizado sobre MEI

**mulher**  
 A TRANSFORMAÇÃO

**Ser Empreendedora ?**

“É aquela que detecta uma oportunidade e cria um negócio para capitalizar sobre ela, assumindo riscos calculados.”. Dornelas, 2005.

TIPO DE EMPRESA	ENQUADRAMENTO/FATURAMENTO ANUAL			SÓCIO/TITULAR	OPÇÕES TRIBUTARIAS	FORMALIZAÇÃO
	MEI	ME	EMPRESA NORMAL			
EMPREENDEDOR INDIVIDUAL	Até R\$81 mil			Um titular	Simples Nacional	Internet
EMPRESA INDIVIDUAL DE RESPONSABILIDADE LIMITADA		Até R\$ 360 mil	Até R\$3,6 milhões	Por opção com faturamento maior R\$3,6 milhões	Simples Nacional, Lucro Real ou Presumido	Junta Comercial
SOCIEDADE LIMITADA		Até R\$ 360 mil	Até R\$3,6 milhões	Por opção com faturamento maior R\$3,6 milhões	Simples Nacional, Lucro Real ou Presumido	Junta Comercial

**MEI INDIVIDUAL**

É A OPORTUNIDADE PARA QUEM TRABALHA POR CONTA PRÓPRIA CONQUISTAR CIDADANIA E FORMALIZAR UM PEQUENO NEGÓCIO COM MENOS BUROCRACIA E DE GRÇA

<http://www.portaldoeempreendedor.gov.br/>

**COBERTURA DO INSS** - Com o CNPJ MEI você estará coberto pela Previdência com auxílio-doença, aposentadoria por idade ou invalidez, auxílio-maternidade e etc.

**NOTA FISCAL MEI** - Com o CNPJ MEI você poderá emitir Nota Fiscal Eletrônica.

**IMPOSTO FIXO, MENSAL E BARATO** - Você pagará no máximo R\$ 54 por mês de impostos de seu CNPJ MEI.

**CONTA BANCÁRIA EMPRESARIAL** - Ao abrir MEI poderá ter conta jurídica e solicitar financiamentos.

**FATURAMENTO MÁXIMO COM CNPJ MEI** - MEI poderá faturar em média R\$ 6.750/mês (R\$ 81 mil em 1 ano).

**MEI NÃO PRECISA DE CONTADOR** - Controles simplificados do CNPJ MEI feito pelo próprio empreendedor.

**FUNCIONÁRIO DO MEI** - Ao abrir MEI poderá registrar um empregado com tributação reduzida.

**SALA DO EMPREENDEDOR**  
 Rua Siqueira Campos 805 – Centro Histórico Porto Alegre – Fone 3289-4545  
**SEBRAE –RS** <https://sebraers.com.br/> fone – 0800 570 0800  
 Banco Digital: Banco Inter Agi bank  
 Bancos com tarifas diferenciadas p MEI: Banrisul

Fonte: Material distribuído em aula, 2018.

Neste primeiro material vemos os passos para se tornar uma empreendedora, algumas noções básicas, como os tipos de empreendedorismos, assim como informações sobre o MEI

(Microempreendedor Individual). Destacando as vantagens de ser esse tipo de empreendedor, tirando dúvidas sobre impostos, aposentadoria, etc.

Figura 14: Material SEBRAE MEI



Fonte: Distribuído em aula, 2018.

Esse segundo material, um folheto, mostra todos os passos para fazer o registro do MEI, o qual é realizado através do site do Portal do Empreendedor do Governo Federal. Algumas alunas conheciam o MEI ou já tinham um registro, enquanto outras ficaram muito interessadas em ter o seu. A ideia da aula era passar a segurança de que elas podiam trabalhar de forma autônoma, na sua própria microempresa, o que era o objetivo da maioria das alunas.

Ao final do curso, a turma realizou mais uma etapa da parte prática e executou a obra para o encanamento da cozinha e banheiro no espaço do Assentamento 20 de Novembro. As alunas pareciam ansiosas para colocar a mão na massa, ao realizarem um trabalho que iria ficar ali sendo utilizado, ajudando em um projeto maior. As alunas apresentavam muita insegurança na parte “real” nas montagens, muitas vezes, estavam corretas no que fazer, mas precisavam



ouvir o “aval” do professor. Porém, antes de terminarem o encanamento no local definitivo, as meninas realizaram todas as etapas na simulação, como mostra a foto abaixo:

Figura 15: Encanamento completo na simulação



Fonte: Foto da autora, 2018.

No dia seguinte, presenciei a formatura da turma de hidráulica. A ONG Mulher em Construção realiza todo o rito da formatura, é realmente emocionante, e as lágrimas não custaram a cair. Neste dia, as famílias das alunas vieram até o Assentamento e aconteceu uma recepção com comida e bebida. As mulheres do curso foram batizadas com o emblemático capacete rosa, uma a uma foram chamadas e fizeram seus discursos. É um rito muito emocionante, quando se pensa que muitas das mulheres que chegaram ali estavam fragilizadas, em momentos difíceis, fugindo de maridos, assim como outras chegaram desnorreadas, não sabendo que tinham capacidade de exercer uma profissão e ter um futuro melhor.

A etapa da observação participante foi de suma importância para a análise da ONG Mulher em Construção e de suas alunas, de maneira a entender a dinâmica do curso, das aulas e da convivência entre as mulheres investigadas com o grupo. No próximo tópico, serão analisadas as entrevistas com as alunas do curso de hidráulica, que serão analisadas em conjunto com a observação participante, aqui relatada.

#### 4.5.3 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas com seis mulheres que estavam estudando através do curso de hidráulica ofertado pela ONG Mulher em Construção. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado, anexo na página 84 deste trabalho, além das entrevistas realizadas com coordenadores do grupo que já foram mostradas. Todas as entrevistas foram gravadas com autorização e ocorreram nos meses de novembro e dezembro de 2018, no local em que o curso estava sendo realizado, no Assentamento 20 de Novembro. As entrevistas aconteceram em intervalos do curso, de forma natural, como uma conversa. Primeiramente, vamos analisar o perfil das entrevistadas, de acordo com as perguntas elaboradas.

Quadro 1: Perfil das Entrevistadas da ONG Mulher em Construção.

<b>Entrevistada</b>	<b>Idade</b>	<b>Raça autodeclarada</b>	<b>Filhos</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Trabalho</b>
<b>1</b>	55	Negra	Sim, 1	Ensino Fundamental Incompleto	Sim, faxina.
<b>2</b>	26	Negra	Não	Ensino Médio Incompleto	Não
<b>3</b>	34	Negra	Não	Superior Completo em Administração	Sim, contratada por empresa de construção durante o curso.
<b>4</b>	53	Branca	Não	Pós-doutorado (Geoquímica)	Não
<b>5</b>	37	Negra	Sim, 2	Segundo Grau Completo	Não
<b>6</b>	50	Branca	Sim, 1	Graduação em Comércio Exterior em andamento	Sim, prestando serviços na área da construção

Fonte: Elaboração da autora, 2018.

As entrevistadas apresentavam idade que variava entre 26 a 55 anos, de maioria negra, com graus de escolaridade variados. Ao olharmos para a faixa etária, que contempla dos 21 a 40 anos, é interessante analisar que a mesma está inserida na faixa da população economicamente ativa, segundo dados do IBGE (2015), o que contempla metade das entrevistadas citadas no quadro a cima. Além disso, duas das entrevistadas estão inseridas no menor grau de escolaridade do grupo, de ensino fundamental incompleto e de ensino médio incompleto, além de não estarem empregadas atualmente, o que condiz com dados do IBGE (2015) onde se enquadram no perfil de pessoas que estão em *menor* número dentro das economicamente ativas. O que mostra uma variação no perfil, ou seja, ao mesmo tempo em que estão dentro da idade mais ativa economicamente, também estão dentro do grau de escolaridade mais baixo, o que implica a colocação no *menor* número economicamente ativo. Como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 1 – População economicamente ativa – IBGE, outubro de 2015.

População economicamente ativa	Total das seis áreas (%)*	Porto Alegre (%)
<b>Sexo</b>		
Feminino	46,6	47,1
Masculino	53,4	52,9
<b>Faixa etária</b>		
18 a 24 anos	12,8	14,0
25 a 49 anos	60,9	59,4
50 anos ou mais	25,1	24,8
<b>Anos de Estudos</b>		
Sem instrução e menos de 1 ano	1,2	0,8
01 a 03 anos	2,3	2,2
04 a 07 anos	13,5	16,2

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego. Modificada para estudo. Fevereiro, 2019.

\*Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre.

A escolaridade das entrevistadas revela pontos relevantes do grupo observado, mostra que as mulheres entrevistadas vinham de realidades distintas, de escolaridade variada, que contempla o ensino fundamental incompleto até a pós-graduação. Embora os fatores levantados evidenciem que as entrevistadas comportam uma faixa etária ativa economicamente, e que os anos de estudos influenciem sobre não estarem inseridas no mercado de trabalho, também devemos identificar quais outros fatores podem influenciar nesses dados. Eles indicam que devemos estar especialmente atentos para o grau de escolaridade das entrevistadas, porém, ao olharmos para as respostas das entrevistadas, podemos inferir que somente esses dados estatísticos não contemplam as causas para não estarem ativas no mercado de trabalho.

Mesmo as mulheres que não concluíram o ensino médio ou fundamental demonstram um grande interesse em estudar. O indicador escolaridade mostra a diversidade das alunas e as propostas diferentes que encontramos em cada uma delas, vemos que, mesmo vindo de realidades distintas, o conhecimento adquirido na ONG mostra uma nova perspectiva da realidade. O conhecimento transpassa os livros e os canos da parede, chegando ao pessoal de cada uma das entrevistadas.

A primeira entrevistada vem de uma história de vida difícil, conta que queria trabalhar na construção civil, com pintura predial, mas seu marido não deixava, ele era pintor e ela sempre quis aprender com ele, porém somente após a morte do marido, de quem sofria violência doméstica, ela se libertou. Quando iniciou no curso, não fazia muito da morte do seu marido, e o curso de hidráulica foi um dos seus primeiros momentos de liberdade. A entrevistada relata que não conseguiu estudar muito, mas que seu sonho era voltar aos estudos.

Esse primeiro exemplo demonstra uma das causas da mulher não estar inserida no mercado de trabalho, o marido/companheiro opressor que pratica violência doméstica, controlando a vida da mulher e reforçando o machismo. No trecho a seguir, a entrevistada 1 conta um pouco de sua história e das primeiras mudanças da ONG em sua vida:

Como meu falecido marido, era um pintor predial, eu sempre quis isso também, pra mim, é lógico que ele nunca quis... nunca me ensinou, nunca



deixou eu ir... machista ne? e eu disse... bom olha ai ne... agora eu sou pintora!! Não é? e a hidráulica a elétrica... e fora que assim, a ONG pra mim não foi só aquela questão de eu saber fazer aquele trabalho, foi uma coisa assim o... que eu sofri também a agressão física, eu fui também uma mulher agredida e naquela época não tinha essa, tudo isso que a mulher tem de acolhimento não é? então agora com a idade que eu tenho, eu fui jovem eu passei por isso, na época que eu sofri esses abusos, essa agressão não tinha toda essa estrutura que tem agora entendeu? e isso a ONG me trouxe essa lembrança e essa vontade que eu tenho de ajudar, porque.. o que que acontece? eu sou vó e uma neta também estava passando pela mesma coisa... mesmo marido machista... lógico que agora é diferente nós temos toda... maria da penha... tudo isso que a gente cortou! Separação pra ontem!

A entrevistada 1 relata como conseguiu romper uma situação de violência em sua família e mostra que com o contato com a ONG e o grupo cortou um ciclo violência doméstica familiar. Também relata como se sentiu quando iniciou o curso:

Eu entrei pra fazer um curso e me apaixonei por todo esse... psicólogas, esse aparato todo! Assim... que muita mulher desinformada, como na época eu fui desinformada, eu não tinha quem me ajudasse, me amparasse, eu tinha que ficar naquele casamento, naquela dependência financeira... entendeu?

A entrevistada descreve como se sentiu ao estar em contato com o aparato da ONG, demonstra que quando atitudes, como a que ela tomou em relação a neta, ajudam a quebrar um ciclo de violência e opressão, vemos o efeito social do curso, não só o profissional, mas o sentimento de como uma vida pode mudar outras, o sentimento de “rede”, de grupo de mulheres, se fortalece. A ideia é que aquele conhecimento não acaba ali, que é repassado para as amigas, familiares, pessoas próximas que podem estar sofrendo uma situação de violência que pode ser mudada, com a ajuda do conhecimento e das informações passadas.

Quando analisamos a entrevistada 4, vemos um outro tipo de grupo se formar, a entrevistada tem pós-doutorado em Geoquímica e está ali realizando o curso de hidráulica. Relata seu interesse no curso: “como multiplicadora, e fazer na minha casa, os reparos, mas é pra ajudar as pessoas, a construir, ou fazer manutenção na sua própria residência.” (entrevistada 4, 2018). A entrevistada demonstra interesse em ingressar na ONG e em poder ajudar a fortalecer o grupo e modificar a vida de outras mulheres. A importância de mulheres engajadas e com maior grau de escolaridade é ímpar para o grupo. Além disso, algumas entrevistadas estavam estudando, sendo que duas estavam na graduação. A entrevistada 6, por exemplo,

estava realizando graduação e tinha experiência em construção civil, trabalhou na reforma do estádio Beira-Rio em Porto Alegre e conta das dificuldades de ser mulher nessa profissão.

Como relata:

Porque se eu chego em uma empresa qualquer, como eu fiz depois, porque eu não tinha intenção de chegar nessa área, eu vou chegar numa empresa, que só tem homem... né... eu não vou poder usar o mesmo banheiro do que eles, eles não vão fazer um banheiro pra mim, então tem que ser uma coisa que tenha mais mulheres.. lá (obra Beira-Rio) nós tínhamos um banheiro só para mulheres em cima, em baixo, no contêiner ne, pra tomar banho ne, separado. Era uma empresa que dava oportunidade de emprego, se quisesse sair de uma carreira, para ir para outra maior, ou até ser chefe ne, uma empresa bacana, para pessoa que está afim de trabalhar é bem legal, aí eu trabalhei até o fim da obra ne, acabou não tinha mais serviço ne. Obra acaba ne.

A entrevistada relata que, mesmo com experiência na área, sempre foi difícil conseguir emprego, que o mercado ainda é muito machista. As grandes empresas do setor mostram receio em contratar mulheres, a principal causa relatada pelas entrevistadas é a de assédio no canteiro de obras, e que as empresas não aparentam ter interesse em implementar uma política de respeito com as mulheres, a atitude tomada é de simplesmente excluir as mulheres do mercado, o que leva muitas a quererem trabalhar somente de forma autônoma. A entrevistada de número 3 também relata a dificuldade em se inserir no mercado. Das entrevistadas, foi a que se mostrou mais especializada na construção civil, já havia realizado curso técnico em edificações, além de vários outros cursos na área, como relata:

Eu já tô procurando há dois anos emprego na construção civil... e não consigo e não é... eu tenho até o QI, eu tenho quem me indique, e mesmo tendo nunca fui chamada nem pra entrevista.... (e tu acha que é por tu ser mulher?) eu acredito que sim... porque lá no curso eu tenho colegas que são homens e que não fizeram nem metade dos cursos que eu fiz e estão trabalhando... então né? eu tenho muitos cursos... eu sou uma pessoa que vou muito atrás disso... da minha outra profissão eu tenho desde sempre isso, eu sou formada em administração, fiz técnico em administração, em contabilidade, vários cursos nessa área e quando eu troquei, resolvi trocar (para construção civil) fiz vários cursos também, então conversando com os meus colegas, sabendo que eles não têm nada.. e eu tenho curso pra trabalhar, como aqui colocar a mão na obra... ou trabalhar no escritório e não consigo e né, eles foram fizeram entrevista e conseguiram... qual é a diferença entre nós né? o que que ele tem que eu não tenho? acredito que é só por eu ser mulher, porque eu não sou nem chamada pra entrevista, pra chegar lá e apresentar né.... então só pode ser por isso.

Podemos observar que, mesmo com o conhecimento necessário para exercer as funções na área da construção, a mulher é excluída do mercado sem nenhuma causa aparente, além de serem mulheres. O mercado ainda se mostra muito machista, de maneira que as mulheres sentem uma forte opressão vindo do canteiro de obras, fazendo com que a conquista pelo espaço seja diária e difícil. A ONG trabalha com o intuito de ajudar as mulheres a se sentirem capazes de exercer aquele cargo, aquela função, trabalhando de maneira contrária ao machismo do mercado, que faz com que as mulheres se sintam menosprezadas e incapazes de trabalhar em uma área controlada por homens. As falas, sobre a ONG Mulher em Construção, das entrevistadas demonstram a mudança em suas vidas após o contato com o grupo. A entrevistada de número 5 relata um caso pessoal em que a ONG a ajudou e modificou sua realidade:

Ajuda, e não só assim na questão profissional, como no pessoal. Eu vou te contar um caso meu, particular que aconteceu... e eu tive um problema com um dentista que debochou de mim sabe... eu não gosto de falar muito porque eu choro, eu fui pra arrumar meus dentes que por motivo de risada... enfim... e as gurias descobriram, desculpa (muito emocionada), e aí.. elas identificaram o meu problema e graças a elas da ONG... elas falaram com um pessoal que era dentista e graças a elas eu consegui o dentista, que vai arrumar meus dentes, colocar minha prótese... e... e vai me devolver a auto estima... eu tô bem, porque eu não esperava, eu não conhecia elas, conheci naquele dia, me identifiquei com elas e elas fizeram isso por mim que eu não esperava, então é muito mais que só ajudar a gente profissionalmente... é pessoal, é autoestima. É uma coisa que eu não esperava e recebi entendeu? e agora eu não quero mais largar... tu não sabe o que é pra mim conseguir isso, mesmo sem ter feito ainda, a minha autoestima, eu por dentro.

Ao analisar o relato da entrevistada 5, podemos ver que o amparo que a ONG dá para as alunas vai muito além da parte profissional, ele chega à parte pessoal, criando oportunidades para que a mulher possa alcançar seus objetivos, sejam eles trabalhar na construção civil ou mudar sua autoestima. O processo é interligado, somente uma mulher segura de si consegue se livrar de situações de opressões para conseguir assumir sua vida, como o caso da entrevistada 1, já citada, em que somente após a morte do marido pode trabalhar e se qualificar e, hoje, com os conhecimentos adquiridos na ONG, não deixa a história que ela viveu se perpetuar na família com a neta. A entrevistada de número 2 também relata o que mudou na sua vida:

O que mudou é que eu me tornei uma pessoa no meu pessoal, o meu caráter ficou mais reforçado, no caso porque, eu tenho uma posição perante a sociedade, mas só que enquanto, eu carrego a minha personalidade, mas enquanto eu vejo uma pessoa também com personalidade, eu vejo que eu to

no caminho certo e isso aqui é o encontro de várias mulheres e mulheres empoderadas, e isso só me ajuda! Só me dá ‘gás’! porque eu sou nova, eu to ainda com todas as dúvidas na minha cabeça, mas aqui é certo que eu to indo pelo caminho.

A entrevistada 2 está concluindo o ensino médio e mostra que, com a participação no curso da ONG, sua visão social se ampliou e hoje quer buscar um emprego melhor, uma vida digna. Conta que começou a fazer pequenas obras em casa e que está fazendo um trabalho remunerado na casa do seu pai, que a incentiva a continuar. A entrevistada 3 também relata sua experiência pessoal de empoderamento:

Pra mim é importante ter essa autonomia, eu acho que a mulher tem que ser independente sempre né... não tem que depender de ninguém né, isso tem que vir da própria mulher, ela tem que se sentir segura e independente não depender de ninguém, eu sempre fui assim, eu sempre corri atrás dos meus objetivos, e isso pra mim é o meu empoderamento... eu sei o que eu quero, eu vou atrás, eu batalho, esse pra mim é o meu empoderamento.

A entrevistada 3 é a mesma que relatou que estava há cerca de 2 anos procurando emprego na área e que se sentia discriminada por ser mulher. Hoje, após o contato com a ONG, ela foi uma das duas selecionadas para trabalhar com a empresa da construção civil parceira da ONG Mulher em Construção. O contato com o grupo e a “rede”, em que esse grupo está inserido, modificou a realidade pessoal da entrevistada contribuindo para que ela passasse a atuar na área que escolheu e se especializou. Por outro lado, também é importante trazer a fala da entrevistada 4 que, mesmo com pós-doutorado, estava aprendendo uma nova profissão, e estava interessada em ingressar na ONG. Quando perguntada se a ONG ajudava no empoderamento feminino, a entrevistada 4 disse que:

Ajuda com certeza, te dá um norte, um rumo na vida... imagina pra quem não tem nada, não tem a autoestima... tu vai se sentir confiante de fazer, tu pode fazer em casa, na dos amigos, depois tu pode fazer 1001 coisas né...no começo do curso, no primeiro dia é uma palestra de empoderamento feminino, que mostra os locais onde tu pode procurar auxílio caso tu sofra violência doméstica... uma série de outras coisas, de doenças venéreas... e todo tipo, não é só a parte do trabalho, tem toda uma parte psicológica que é tratada no primeiro dia e nos dois últimos dias parece que vai ter uma outra fase desse..

Esse olhar atento da entrevistada mostra que muitas coisas estão acontecendo ali, naquele espaço e grupo, e que o suporte para o empoderamento feminino vem de uma série de fatores. É todo um processo de disposição, de tempo, quebra de barreiras dentro de casa, incentivo de pessoas de fora, aliado à vontade daquela mulher em estar ali. Como Sadenberg (2006, p. 6) diz “o empoderamento é um processo”.

Ao analisar as entrevistas, e ao olharmos para a observação participante, podemos ver que o empoderamento é, realmente, um processo, e ele passa por muitas etapas complicadas e, por vezes, doloridas. Embora o estudo tenha sido realizado em apenas uma turma da ONG Mulher em Construção, o que intui que não se aplica a todas as turmas, podemos constatar que as mulheres estão se empoderando ao ter acesso ao grupo. Quando a hipótese deste estudo foi levantada, principalmente sua segunda parte, em que diz que se espera que, após o ingresso das mulheres de baixa renda na empresa Diosa e na ONG Mulher em Construção, a realidade social em que vivem seja modificada e haja uma melhora no seu empoderamento no âmbito público, não sendo necessariamente adquirida através do seu trabalho, mas pelo contato com o grupo, com as discussões acerca do feminismo, essas mulheres estão, sim, conquistando sua autonomia. O sentimento que fica é de que as mulheres saem mais empoderadas do contato com a ONG, a qual ajuda a passar para as mulheres investigadas uma mensagem de empoderamento feminino e de autonomia econômica.

## 5 CONCLUSÕES

O presente estudo buscou investigar como a atuação da empresa Diosa e da ONG Mulher em Construção, localizadas em Porto Alegre/RS, na qualificação profissional de mulheres na construção civil, no Brasil, repercute no auxílio para o empoderamento no âmbito público das mulheres de baixa renda. Para isso, foi realizada uma entrevista exploratória, no Rio de Janeiro, com ex-aluna do Projeto Mão na Massa, pioneiro no seguimento de qualificação de mulheres para construção no Brasil, além de oito entrevistas em Porto Alegre. Uma com a Diretora Executiva da empresa Diosa, uma com a Vice-diretora da ONG Mulher em Construção e mais seis entrevistas com alunas do curso de hidráulica oferecido pela mesma. Os dados coletados foram analisados em conjunto aos dados do IBGE (2015) sobre inserção no mercado de trabalho.

Os resultados alcançados mostram que a hipótese lançada para o estudo, qual seja, de que os movimentos feministas, representados pelos objetos de estudo, a empresa Diosa e a ONG Mulher em Construção, buscam auxiliar as mulheres de baixa renda no alcance do empoderamento no âmbito público, através da qualificação profissional e da inserção no mercado de trabalho. Também se esperava que, após o ingresso das mulheres de baixa renda na empresa Diosa e na ONG Mulher em Construção, em Porto Alegre/RS, a realidade social em que vivem fosse modificada e que haveria uma melhora no seu empoderamento no âmbito público, não sendo necessariamente adquirida através do seu trabalho, mas pelo contato com o grupo, com as discussões acerca do feminismo. A hipótese foi afirmada pela Diosa, ao analisar a entrevista, foi constatado que a empresa insere as mulheres no mercado da construção civil e investe no empoderamento dessas mulheres através de apoio psicológico e social dado a elas, assim como repassando conhecimento sobre o feminismo. A ONG Mulher em Construção também confirmou a hipótese no sentido de que as entrevistadas estavam no processo de empoderamento no âmbito público através da qualificação, além de estarem se inserindo no mercado de trabalho, e apontarem, nas entrevistas, que estavam buscando o empoderamento feminino através do contato com o grupo e os conhecimentos sobre o universo do feminismo.

Além dos pontos levantados, devemos avaliar outras respostas que as entrevistas e a observação participante trouxeram. Ao analisar as entrevistas, também devemos considerar o fator da mulher sendo excluída do mercado da construção civil, como algumas entrevistadas relataram. Fatores como a dificuldade em serem chamadas para entrevistas, a falta de locais adequados para mulheres, como vestiários ou banheiros, a “preocupação” das grandes

construtoras com assédios, que excluem mulheres, ao invés de implementarem medidas que as protejam nos canteiros de obras, de maneira que muitas não se sentem valorizadas pelo mercado e nem capazes de exercer a função. Porém, também foi constatado que, quando se ligam aos grupos estudados, as mulheres se sentem mais empoderadas pessoalmente e coletivamente, e têm sua autoestima elevada de maneira que se sentem capazes de exercer as funções da construção civil. Dois exemplos foram as entrevistadas do Projeto Mão na Massa e a entrevistada de número 3 da ONG Mulher em Construção. A entrevistada do Mão na Massa relatou que, após a oportunidade de estudar no Projeto, sentiu que podia trabalhar na construção, se sentiu capaz de pedir demissão de um emprego que não gostava para ter sua própria empresa. A entrevistada de número 3 da ONG Mulher em Construção relatou que estava procurando emprego há cerca de dois anos e que somente após realizar o curso de hidráulica, e estar em contato com o grupo, conseguiu um emprego em uma grande empresa da construção civil parceira da ONG. Nesse caso, o empoderamento das entrevistadas foi econômico e pessoal possibilitado pelo contato com o grupo. O “sentimento de poder” é de difícil constatação, por esse motivo as conclusões são retiradas do aspecto narrativo utilizado para análise de entrevistas semiestruturadas.

A empresa Diosa, em Porto Alegre, também demonstrou, em sua entrevista, pontos que se interligam com o Projeto Mão na Massa e com a ONG Mulher em Construção, como quando perguntada sobre o acompanhamento das prestadoras, amparo psicológico e social. Nos três casos, esse ponto é levado em consideração ao falar das alunas e das prestadoras de serviço, todos se preocupam com o amparo social das mulheres inseridas nos grupos, com acompanhamentos antes, durante e depois de suas participações nas ações coordenadas pelos grupos. Além disso, outro aspecto relevante é a do trabalho de mulheres para mulheres, esse é exaltado tanto pela entrevistada do Mão na Massa, que hoje tem sua própria empresa de reparos, assim como pela Diosa, ambas especificam que esse tipo de serviço busca dar maior segurança para as mulheres que não se sentem seguras com homens dentro de suas casas prestando serviços. Atualmente, a empresa Diosa, afirma que não assume mais demandas de serviços por falta de profissionais, apontando um mercado de trabalho em ascensão em Porto Alegre/ RS.

A ONG Mulher em Construção, também mostra, em seus dados e entrevistas, outra vertente interessante para a análise e conclusões, a escolaridade das entrevistadas. A análise revelou pontos relevantes do grupo observado, e indica que as mulheres entrevistadas procediam de realidades distintas. Ao mostrar que metade das entrevistadas se encontravam na faixa etária economicamente ativa, de 21 a 40 anos, segundo dados do IBGE (2015), e

analisando que duas delas estão inseridas no menor grau de escolaridade do grupo, e não estão empregadas atualmente, se enquadrando nos dados do IBGE (2015) no perfil de pessoas que estão em *menor* número dentro das economicamente ativas, o que indica que os anos de estudo estão diretamente ligados à inserção no mercado de trabalho. Como o estudo mostrou, não é somente esse fator que influencia esses resultados, fatores como violência doméstica e opressões também ajudam a impulsionar esses dados. Além disso, a ONG revelou um campo novo para a análise, das mulheres com escolaridade elevada que a buscam para se inserir como multiplicadoras. Mulheres que buscam o grupo para fortalecer esse processo do empoderamento de outras mulheres que não tiveram as mesmas oportunidades.

O empoderamento é um processo, na maioria das mulheres entrevistadas é possível sentir, em suas falas, que o empoderamento acontece em momentos individuais e coletivos, na forma de autoestima e também de amparo do grupo, assim como a vontade de levar o que é aprendido para dentro de seus grupos, suas casas e nas quebras de ciclos familiares. O contato com o grupo, as palestras e ouvir falar a palavra empoderamento é que modificou as realidades estudadas, a palavra em si, empoderamento, empoderada, estava circulando a todo momento nas conversas. É necessário ter consciência que ainda muito precisa ser feito para que mais mulheres, em especial, as de baixa renda, alcancem seus espaços sociais, sua independência financeira. Para que assim, mais mulheres possam lutar contra o machismo, a violência, as opressões e que consigamos quebrar mais barreiras, como ocupar os canteiros de obras.

O presente estudo buscou desmistificar esse mercado de trabalho masculinizado, excludente às mulheres. Fica evidente a necessidade de continuidade das pesquisas, de aprofundá-las, de analisar outros espaços, para entender, o que de fato, esse novo campo, da construção civil, tem a oferecer às mulheres. A conclusão que podemos chegar, neste estudo, com os dados obtidos, é de que ações estão sendo realizadas pelo grupo estudado com intuito de promover o empoderamento dessas mulheres de baixa renda, e de que, mesmo que não possamos falar por todas, aqui podemos entender que, cada vez mais, elas estão ocupando os lugares públicos, ditos masculinos.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Nayra Veras; LIMA, Antônia Jesuíta. **Melucci e Tarrow**: Revisão Teórica sobre movimentos sociais. Rio de Janeiro: Revista em Pauta, volume 7, número 25, julho 2010.

BALLESTRIN, Luciana. **Feminismos subalternos**. Florianópolis: Estudos Feministas, 25 (3): 530 p. 1035 – 1054, setembro – dezembro 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 4ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1970.

BRUMER, Anita; ROSENFELD, Cinara, et al. A elaboração de projeto de pesquisa em Ciências Sociais. In.: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos. (Org.) **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. São Paulo: Estudos Avançados 17 (49), p. 117 – 132, 2003.

CONCEIÇÃO, Antônio C. L. **Teorias feministas**: da questão da mulher ao enfoque de gênero. João Pessoa: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n. 24, p. 738-757, dez. 2009.

COTANDA, Fernando Coutinho; et al. Processos de pesquisa nas Ciências Sociais: uma introdução. In.: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos. (Org.) **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. 148 p.

CRENSHAW, Kimberly Williams. **Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color**. California EUA: Stanford Law Review, v. 43, n. 6, p. 1.241-1.299, 1991.

CRENSHAW, Kimberly Williams. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Rev. Estud. Fem.[online]. 2002, v.10, n.1, pp.171-188.

DAGNINO, Evelina (Org.). **Anos 90**. Política e Sociedade no Brasil. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução Heci Regina Candiani – 1ªed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

DIOSA. Disponível em: <<http://www.diosa.com.br/>> Acessado em 20 de setembro de 2017.

DOMINGUÊS, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Tempo, vol.12, n 23, Niterói, 2007.

ESPAÇO VILA FLORES. **Sobre** Disponível em: <<https://vilaflores.wordpress.com/about/>> Acessado em 20 de setembro de 2017.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **O lugar das mulheres no mercado formal de trabalho.** Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie7.php?area=series>> Acessado em 29 de julho de 2017.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina.** Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971. [Edição original: *The feminine mystique*. New York: W. W. Norton Company, 1963.]

GOHN, Maria da Glória Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça:** interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. São Paulo: Tempo social – Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

HOOKS, B. “Mujeres negras. Dar forma a la teoría feminista”. In: HOOKS; B. BRAH, Avtar; SANDOVAL, Chela, et al. **Otra sin apropiables: Feminismos desde las fronteras.** Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

HOOKS, B. **Mulheres negras:** moldando a teoria feminista. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, n 16, janeiro - abril de 2015, p. 193-210.

INDICADORES IBGE - **Pesquisa Mensal de Emprego/ outubro 2015.** Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho\\_e\\_Rendimento/Pesquisa Mensal de Emprego/fasciculo indicadores\\_ibge/2015/pme\\_201510pubCompleta.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/fasciculo_indicadores_ibge/2015/pme_201510pubCompleta.pdf)>. Acessado em 29 de janeiro de 2019.

INSTITUTO DE PESQUISA DATASENADO E OBSERVATÓRIO DA MULHER. **Violência doméstica e familiar contra a mulher.** Brasil, 2017.

JASPER, James M. **Protesto:** uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 248 p.

KABEER, N. **Resources, Agency, Achievements:** Reflections on the measurement of women’s empowerment. *Development and Change*, v. 30, n. 3, pp.435-464, 1999

LANDERDAHL, Maria Celeste; et. al. **Processo de empoderamento feminino mediado pela qualificação para o trabalho na construção civil.** Rio de Janeiro: Esc. Anna Nery, v.17, n. 2, abr./jun., 2013.

LÉON, Magdalena; DERRE, Carmem Diana. **O empoderamento da mulher:** direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

LÉON, Magdalena (compiladora) **Poder y empoderamiento de las mujeres.** Santafé de Bogotá: Tercer Mundo S.A., 1997.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial.** *Estudos Feministas*. Florianópolis, 22 (3): 320, p. 935 – 952, setembro-dezembro,2014.

MARIS, Mani Tebet A. **Bolsa Família:** questões de gênero e moralidades. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Faperj, 2017.

MARX, Vanessa; CELIBERTI, Lilian. **Diálogo de mulheres de fronteira no contexto da universidade popular dos movimentos sociais**: novas metodologias e agendas. Iluminuras, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 119-133, jan/jul, 2017.

MARX, Vanessa. O Brasil da Participação e da Mobilização Social. In: Vanessa Marx. (Org.). **Democracia Participativa, Sociedade Civil e Território**. 1ªed. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

MELUCCI, Alberto. **Nomads of the present. Social movements and individual needs in contemporary society**. Philadelphia: Temple University Press, 1989.

MINISTÉRIO DO TRABALHO. **Pesquisa de emprego 2015**. Disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_isper/index.php](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php)> Acessado em 20 de julho de 2017.

OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS SOCIAIS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - Centro de estudos internacionais sobre governo (CEGOV) - **Relatório Técnico Parcial**: Síntese dos resultados obtidos. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub\\_61.pdf](https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub_61.pdf)>. Acessado em 26 de novembro de 2015.

ONU MULHERES - Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres **Mais igualdade para as mulheres brasileiras**: caminhos de transformação econômica e social. Brasília, 2016.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEARCE, Diana. **The feminization of poverty**: women, work and welfare. Boston: The Urban & Social Change Review, v.11, n.1/2, p.28-36, 1978.

PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, Cesar A. Barcellos. (Org.) **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Curitiba: Rev. Sociol. Polít, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PROJETO MÃO NA MASSA.

Disponível em: <<http://www.mulheremconstrucao.org.br/ong/>> Acessado em 20 de setembro de 2017.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva – publicações S.A., 2008.

SARDENBERG, Cecília M.B. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres –Estudos Feministas: um esboço crítico. In: Célia Gurgel (Org.), **Teoria e Práxis dos Enfoques de Gênero**. Salvador: REDOR-NEGIF, 2004, pp. 17- 40.

SEN, Guita; GROWN, Caren. **Development, crisis and alternative visions**: Third World Women's Perspectives. New York, N.Y: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 1987.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SINDICATO DA INDÚSTRIA E CONSTRUÇÃO DO ESTADO DO PARÁ. **Boletim econômico - construção civil em análise.** Pará, abril de 2017. Disponível em: <[http://www.sindusconpa.org.br/site/Boletim\\_Analise\\_04\\_2016.pdf](http://www.sindusconpa.org.br/site/Boletim_Analise_04_2016.pdf)> Acessado em 22 de julho de 2017.

STROMQUIST, Nelly. La búsqueda del empoderamiento: en qué puede contribuir el campo de la educación. In: LÉON, Magdalena (compiladora). **Poder y empoderamiento de las mujeres.** Santafé de Bogotá: Tercer Mundo S.A., 1997. 245 p.

TAVARES, Rossana Brandão. **Práticas sociais de resistência na perspectiva de gênero contra indiferença à diferença:** por um planejamento de possibilidades. Desenvolvimento, Crise e Resistência: quais os caminhos do planejamento urbano e regional? São Paulo: XVII Enanpur, 2017.

TOSOLD, Léa. **Empoderamento, (des)politização e o horizonte do possível:** reflexões epistemológicas com base nas lutas feministas durante a insurreição de Oaxaca. V Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME. **Goal 1:** No poverty. Disponível em: <<http://www.undp.org/content/undp/en/home/sustainable-development-goals/goal-1-no-poverty.html>> Acessado em 20 de novembro de 2017.

WEBER, Mariana D. **Empoderamento e autonomia das mulheres beneficiárias do programa bolsa família em Porto Alegre:** O Caso da Restinga. Monografia de Conclusão de Curso. Porto Alegre. UFRGS, 2015.

YIN, Robert k. **Estudo de caso:** Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman Editora LTDA, 2015.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA – MULHERES NA CONSTRUÇÃO CIVIL

### Identificação

1. Idade \_\_\_\_\_ anos

2. Cor/ Raça

a.  Branca    b.  Negra    c.  Parda    d.  Amarela    e.  Indígena

3. Estado civil

a.  Casada    b.  Solteira    c.  Separada    d.  Divorciada  
e.  Viúva    f.  União Estável

4. Filhos

a.  Possui    b.  Não Possui    c. Em caso positivo, quantos? \_\_\_\_

5. Mora com:

a.  Filhos    b.  Marido/ Companheiro    c.  Outros. Especifique\_\_\_\_\_.

6. Escolaridade

a.  Ensino Fundamental Incompleto    b.  Ensino Fundamental completo  
c.  Ensino Médio incompleto    d.  Ensino Médio completo  
e.  Ensino Técnico    f.  Superior – Graduação.

7. Continua estudando?

a.  Sim    b.  Não

8. Trabalha?

a.  Sim    b.  Não    Onde? \_\_\_\_\_

### **Coletivo**

9. Como conheceu o Coletivo/ Projeto?
  10. Quantos cursos realizou no Coletivo/ Projeto? Quais?
  11. Procurou o Coletivo/ Projeto por qual motivo? Somente profissional?
  12. Você participa de alguma atividade, fora os cursos, dentro do Coletivo/ Projeto?
  13. Você acha que o Coletivo/ Projeto ajuda no empoderamento feminino?
- 

### **Empoderamento e Autonomia Econômica**

14. O que mudou para você depois da sua participação nos cursos?
15. Você começou a trabalhar na área da construção civil depois do curso?
16. Se sim, isso mudou de alguma maneira sua autonomia financeira?
17. Você se vê de alguma forma mais empoderada? Se sim, financeiramente e individualmente?
18. O que é ter autonomia e empoderamento feminino para você?

## **APÊNDICE B - ROTEIRO ENTREVISTAS – PARTICIPANTES INTERNOS**

### **Projeto Mulher em Construção**

1. Cargo/ função dentro do Coletivo/ Projeto:\_\_\_\_\_.
  2. Como é feita a divulgação dos cursos? Somente pelas redes sociais?
  3. Qual o patrocínio do Projeto? Privado?
  4. Como surgiu o Cimento e Batom? De que forma ele funciona?
  5. O Coletivo /Projeto preocupa-se em passar uma mensagem de empoderamento feminino para as mulheres que realizam os cursos? Se sim, de que forma?
  6. O Coletivo / Projeto está ligado às causas dos movimentos feministas?
  7. O Coletivo / Projeto realiza algum acompanhamento das mulheres após os cursos?
- 

### **Roteiro entrevistas – participantes internos**

#### **Projeto Diosa**

1. Cargo/ função dentro do Coletivo/ Projeto:\_\_\_\_\_.
2. Como é feita a divulgação dos cursos? Somente pelas redes sociais?
3. Qual o patrocínio do Projeto? Privado?
4. O Coletivo /Projeto preocupa-se em passar uma mensagem de empoderamento feminino para as mulheres que realizam os cursos? Se sim, de que forma?
5. O Coletivo / Projeto está ligado às causas dos movimentos feministas?
6. O Coletivo / Projeto realiza algum acompanhamento das mulheres após os cursos?
7. Como funciona a plataforma online de serviços das colaboradoras?
8. Como funciona a parceria do Diosa com o Mulher em Construção?

## APÊNDICE C – TERMO DE COMPROMISSO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Título da pesquisa: As mulheres dão conta do recado: empoderamento das mulheres através da construção civil

Pesquisadora responsável: Mariana Weber Dias  
E-mail para contato: mweberdias@gmail.com

**Prezada,**

Essa é uma pesquisa de mestrado em Sociologia da UFRGS, que tem como foco as mulheres na construção civil, com isto conta com a sua colaboração para o desdobramento da pesquisa.

Gostaria de salientar algumas observações quanto a entrevista:

Essa carta é um convite para responder, de forma voluntária, ao seguinte questionário.

A pesquisadora fica a disposição para quaisquer dúvidas quanto à pesquisa.

Você pode desistir a qualquer momento de responder ao questionário.

As informações fornecidas nessa entrevista serão utilizadas pela pesquisadora responsável, mantendo o sigilo da sua identidade. Serão utilizados números no lugar dos nomes das entrevistadas.

Agradeço a sua participação,

---

Assinatura da pesquisadora  
Mariana Weber Dias  
Aluna de pós-graduação em Sociologia - UFRGS